

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E GESTÃO DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS

O Nomadismo Digital e a Comunicação: os efeitos da mobilidade e das tecnologias na produção e propagação da informação

Samira Mazarin Galli

M

2021



Samira Mazarin Galli

O Nomadismo Digital e a Comunicação: os efeitos da mobilidade e das tecnologias na produção e propagação da informação

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas orientada pelo Professor Doutor Paulo Faustino e pelo Professor Doutor Francisco Belda

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Samira Mazarin Galli

O Nomadismo Digital e a Comunicação: os efeitos da mobilidade e das tecnologias na produção e propagação da informação

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas orientada pelo Professor Doutor Paulo Faustino e pelo Professor Doutor Francisco Belda

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

À minha Clarice

A José Antonio de Freitas Pedroso.

Companheiros de vida

*“Não há saber mais ou saber menos:
há saberes diferentes.”*

Paulo Freire

Sumário

Declaração de honra	5
Agradecimentos	6
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas.....	11
Lista de abreviaturas e siglas.....	12
Introdução.....	13
1.1. Nomadismo digital num mundo (pós-)pandêmico	14
1.1. Nômade Digital vs Location Independent	14
1.2. O impacto da pandemia da Covid-19 sobre o Nomadismo Digital	16
2. Metodologia	19
2.1. Método Quadripolar Aplicado.....	20
2.1.1. Polo Epistemológico.....	21
2.1.2. Polo Teórico	22
2.1.3. Polo Técnico	23
2.1.4. Polo Morfológico.....	25
3. 3. Comunicação, tecnologia, internet e nomadismo jornalístico	26
3.1. Os efeitos das TICs na Comunicação	26
3.1.1. Do jornalista ao produtor de conteúdo digital: as adaptações dos profissionais às novas ferramentas tecnológicas	27
3.1.2. A propagação da informação no ciberespaço	29
3.1.3. O jornalista e o nomadismo digital	30
4. Comunicação nas Indústrias Criativas	31
4.1. Indústria Criativa e Indústria Cultural.....	36
4.1.1. As possibilidades econômicas da Indústria Criativa	37
5. Contextualização Econômica.....	39
5.1. Evolução histórica das tecnologias	39
5.1.1. Reflexo da evolução das tecnologias no sistema econômico	40
5.2. Desterritorialização do capitalismo	42
5.2.1. Precarização do trabalho	43
5.2.2. Riscos.....	44
6. Trabalho empírico: entrevistas e apresentação e discussão de resultados.....	44

6.2. Critério de Escolha dos Entrevistados	45
6.2.1. Perfil dos entrevistados	46
6.2.2. Escolaridade	47
6.2.3. Escolaridade dos pais	48
6.3. Nomadismo Digital: Lifestysle	49
6.3.1. O nomadismo para os nômades	49
6.4. Relação com o Trabalho	53
6.4.1. Os efeitos do nomadismo digital na produção e propagação da informação.....	56
6.4.2. Brasil vs Exterior: as preferências de localização	58
6.4.3. Equipamentos e tecnologias.....	62
6.5. Aspectos Econômicos	65
6.5.1. Inserção no mercado de trabalho	65
6.5.2. A escolha pelo nomadismo digital	66
6.5.3. Questões laborais	69
6.5.4. O trabalho e a mobilidade do nômade digital	72
6.6. Perspectivas	74
Considerações Finais	78
Referências Bibliográficas	83
Anexos	87

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2021

Samira Mazarin Galli

Agradecimentos

Nenhuma linha dessa tese teria sido escrita se não fosse o amor e as palavras de incentivo que recebi nessa travessia. Principalmente as palavras do meu companheiro, José Antonio de Freitas Pedroso, que não me deixou desanimar nem nos dias mais complicados. Por todos os bilhetes, cuidados, refeições e apoio, principalmente nas noites em claro. Por me incentivar todos os dias a ser uma pessoa melhor e pela experiência de viver em Portugal.

Agradeço muito aos meus pais, Roberto e Maria Inês, minha principal rede de apoio, mesmo à distância e ainda mais presencialmente. Por todo amor, por cuidarem tão bem da minha filha enquanto eu precisava me ausentar para me dedicar à essa pesquisa. Agradeço à minha irmã Sabrina, meu cunhado Cleber e minha sobrinha Vitória, por ampliarem minha rede de apoio.

Gostaria de fazer um agradecimento a toda minha família, mas, em especial, a todos os meus tios: Márcio, Mauro, Maria José, Marcos e Eunice Mazarin, Edson Bernardi, e, principalmente, Creusa e Débora Mazarin, por me apoiarem, vibrarem a conquista do mestrado comigo - e me acompanharem até a porta da sala de aula. Vocês sabem a importância que tem na minha vida.

Agradeço meus amigos de trabalho, em especial, Helena Gozzano, pela disponibilidade e ajuda na revisão; e Anclar Patric Crippa Mendes, que, além de cobrir minhas ausências, emprestou um computador quando o meu quebrou, para que eu pudesse terminar a tese.

Agradeço minha terapeuta, amiga e colega de trabalho, Andréia Müller, seria impossível sem seu incentivo e força.

Agradeço também aos meus amigos do mestrado, André Mendes e Isabella Brando, por dividirem e compartilharem todas as dificuldades, das técnicas às emocionais, e estarem ao meu lado o tempo todo, me levantando na caminhada.

Agradeço todos os funcionários da Universidade do Porto, em nome de Ana Paula Morgado Ferreira, que nunca mediu esforços para resolver qualquer situação do Serviço de Gestão Acadêmica.

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor João Paulo de Jesus Faustino, que possui um profundo conhecimento em Comunicação e Tecnologias, áreas fundamentais para minha pesquisa. Igualmente agradeço a dedicação do meu coorientador Professor Doutor Francisco Rolfsen Belda, pela orientação técnica e humana que recebi. Também não poderia deixar de agradecer a todos os demais professores do mestrado da U.Porto, que foram tão importantes no meu percurso acadêmico. Agradeço ainda a cada um dos entrevistados, que aceitou colaborar com a investigação e compartilhou um pouco de sua vida comigo.

Por fim e mais importante, agradeço à minha amada Clarice, que me acompanha na construção dessa pesquisa desde a barriga. Diante de tantas adversidades, ainda mais em tempos pandêmicos, se eu não desisti foi por você, filha. Sou profundamente grata.

Resumo

Essa pesquisa analisa os efeitos do fenômeno Nomadismo Digital nos processos de produção na área de Comunicação, bem como seus reflexos nos meios de propagação da informação. O objetivo é entender quais são as implicações da facilidade da troca de informações em âmbito mundial na qualidade da comunicação global, levando em consideração, principalmente, seu imediatismo e sua ubiquidade. Além desse efeito qualitativo, o estudo procurou observar até que ponto essa flexibilização dos espaços de trabalho tem sido de fato uma oportunidade de adaptação a uma melhor qualidade de vida no trabalho para os profissionais da comunicação, ou se, ao contrário, ela tem levado à precarização dessas condições, na medida em que se persegue um inalcançável status de mobilidade contínua, viabilizado pelas tecnologias de informação e comunicação e conformado às exigências do capitalismo informacional globalizado.

Palavras-chave: Nomadismo Digital; internet; mobilidade; comunicação; estilo de vida.

Abstract

This research analyzes the effects of the Digital Nomadism phenomenon on production processes in the field of Communication, as well as its effects on the means of information propagation. The objective is to understand the implications of the ease of exchanging information worldwide on the quality of global communication, taking into account, mainly, its immediacy and ubiquity. In addition to this qualitative effect, the study attempted to observe the extent to which this flexibilization of work spaces brings an opportunity to improve quality of life at work for communication professionals, or if, on the contrary, it has led to even more precarious conditions, as workers are invited to pursue an unattainable status of continuous mobility, made possible by information and communication technologies and conformed to the demands of globalized informational capitalism.

Key-words: Digital Nomadism; Internet; mobility; Communication; Lifestyle.

Índice de Figuras

FIGURA 1- SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO PARA AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS	33
FIGURA 2 - CLASSIFICAÇÃO DA PARA AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS	34
FIGURA 3 - RESULTADO DA CRIATIVIDADE + 4 TIPOS DE CAPITAL	35

Índice de Tabelas

TABELA 1 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS	46
TABELA 2 - PROFISSÃO E ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS	47
TABELA 3 - PROFISSÃO E ESCOLARIDADE DOS PAIS	48
TABELA 4 - O CONCEITO DE NOMADISMO DIGITAL PARA OS NÔMADES DIGITAIS	51
TABELA 5 - OS NÔMADES DIGITAIS E AS PERCEPÇÕES DO TRABALHO REMOTO.....	54
TABELA 6 - OS EFEITOS DA MOBILIDADE NA PRODUÇÃO E PROPAGAÇÃO DA INFORMAÇÃO	57
TABELA 7- EXTERIOR VS BRASIL	59
TABELA 8 - TECNOLOGIAS E EQUIPAMENTOS NECESSÁRIAS PARA O NÔMADE DIGITAL.....	63
TABELA 9 – INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	65
TABELA 10 – A ESCOLHA PELO NOMADISMO DIGITAL	67
TABELA 11 – QUESTÕES LABORAIS.....	70
TABELA 12 – O TRABALHO E A MOBILIDADE DO NÔMADE DIGITAL	72
TABELA 13 – PERSPECTIVAS DOS NÔMADES DIGITAIS	75

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
U.P	UNIVERSIDADE DO PORTO
U.PORTO	UNIVERSIDADE DO PORTO
IC	INDÚSTRIA CRIATIVA
TIC	TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
GSM	GLOBAL SYSTEM FOR MOBILE COMMUNICATIONS OU SISTEMA GLOBAL PARA COMUNICAÇÕES MÓVEIS
UNCTAD	CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO
DCMS	DEPARTAMENTO DE CULTURA, MÍDIA E ESPORTE
OMPI.....	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL
RU	REINO UNIDO
EUA	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
MEI	MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL
OCCRP	ORGANIZED CRIME AND CORRUPTION AND REPORTING PROJECT
ARPA	ADVANCED RESEARCH PROJECTS AGENCY
IPTO	INFORMATION PROCESSING TECHNIQUES OFFICE
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Introdução

A presente tese investiga os efeitos da mobilidade e das tecnologias na produção e propagação da informação através do Nomadismo Digital como modo de trabalho e estilo de vida dos profissionais da Comunicação.

Tão importante quanto entender a influência direta das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o desenvolvimento do Nomadismo Digital, é imprescindível uma discussão de como esse contexto de tecnologia e mobilidade tem trazido consequências à maneira de se produzir e propagar informações no cenário atual global, uma vez que a Comunicação tem sido uma das áreas que mais sofre mudanças, transições e adaptações ao longo do processo de evolução tecnológica, tudo em uma velocidade imediatista e de complexa análise.

Assim, no que se refere ao objeto de estudo, é imprescindível que se leve em conta o sistema capitalista globalizado (macro) e as discussões acerca dos conceitos, percepções e reflexos do nomadismo digital na comunicação (micro).

O nomadismo digital é considerado um fenômeno relativamente novo entre os modelos de trabalho, passou a ser desenvolvido a partir da década de 1990. Ainda são poucos os estudos acadêmicos e referências literárias que envolvem o tema, principalmente na área investigada.

A pesquisa começou em 2019, muito embora a pesquisadora venha se aprofundando sobre o assunto desde 2016, em cursos e experiências profissionais. Nesse contexto, não havia melhor momento para a investigação, justamente porque a pandemia global do coronavírus alterou, a partir de 2020, ainda mais os fluxos de trabalho, que já haviam sendo constantemente transformados.

A emergência sanitária mundial trouxe à tona diversos questionamentos a respeito do equilíbrio laboral que já acompanhávamos na literatura. Por isso mesmo é que o presente estudo avalia como realizar acordos comerciais e novos modelos de trabalho, além de considerar as maneiras de garantir os equipamentos necessários para poder trabalhar remotamente, bem como manter a disciplina em um cenário de flexibilização de horário, sem deixar de levar em conta a instabilidade financeira. Além, é claro, de

observar como o modo de vida influencia no dia a dia do profissional, e, dessa forma, reflete em como a comunicação e a informação é propagada.

Todos os problemas de comunicação são resolvidos remotamente? Os profissionais pretendem algum dia voltar ao trabalho totalmente presencial? A tendência continua pós-pandemia?

A pesquisa pretende trazer as reflexões e respostas sobre a busca pelo equilíbrio entre as relações de trabalho e estilo de vida e o impacto do fenômeno nas transformações futuras na área de comunicação.

1. Nomadismo digital num mundo (pós-)pandêmico

Antes de qualquer discussão sobre o tema nomadismo digital, a questão é justamente discutir a própria definição do termo, por ser uma expressão ainda em construção. Com sua origem na Era Paleolítica, o termo nomadismo define o modo de viver dos povos nômades, que não possuíam moradia fixa e permaneciam no mesmo espaço geográfico apenas enquanto havia recursos para sua subsistência. Já o termo em inglês *digital nomad* se popularizou globalmente a partir de meados dos anos 2000, embora seu primeiro uso conhecido tenha sido no livro *Digital Nomad*, de 1997, escrito por Tsugio Makimoto e David Manners, que faz uma espécie de previsão para as décadas seguintes, ao afirmar que “as possibilidades tecnológicas atuais e futuras, combinadas ao nosso desejo natural de viajar, irão permitir, mais uma vez, que a humanidade viva, trabalhe e exista em movimento.” (Makimoto & Manners, 1997 como citado em P. Matos, 2018, p. 5).

1.1. Nômade Digital vs Location Independent

Após a popularização do termo *digital nomad*, nos anos 2000, a questão sobre sempre viver viajando e trabalhando e não ter uma morada fixa, atualmente é descrita como uma expressão que define profissionais que trabalham independentemente de uma estrutura física e tem a liberdade de poder ir onde quiserem, na hora que quiserem e sem nenhuma amarra. “A expressão nomadismo digital, quando analisada semanticamente por seus praticantes, leva a entender que nômade digital é um indivíduo em movimento frequente, sem residência fixa, e que trabalha pela internet,

podendo suas fontes de receitas ter vários graus de virtualidade, desde exclusivamente on-line, até misturadas com fontes off-line” (R.S.D.F. Matos, 2016, p.42).

Outros estudos científicos que refutam esta definição mais simplificada, tornam o termo mais abrangente e sugerem que pode haver outras denominações, hora como sinônimo, hora como forma de diferenciação. “É o caso do termo *‘location independent’*, que significa ‘independente de localização’ e se refere a alguém que não precisa estar em um local fixo para desenvolver suas atividades, mas que não necessariamente é um ‘nômade’ – isto é, possui residência onde passa a maior parte do tempo, podendo, assim, se deslocar quando desejar” (P. Matos, 2018, p. 10). Alguém que não tenha necessidade de estar pessoalmente em algum escritório ou empresa e possa trabalhar remotamente é um bom exemplo de um *‘location independent’*.

Definidos como profissionais que independem de localização para trabalhar ou que buscam um estilo de vida que concilia trabalho e viagem, nenhum deles poderia exercer suas funções se não fosse as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), notadamente a telefonia móvel, conexões GSM e wireless.

Não por acaso, surgiu nas últimas décadas, uma nova onda de estudos preocupados com questões ligadas ao movimento. O Paradigma das Novas Mobilidades, estabelecido por Sheller e Urry (2006), dá conta de um tipo de mobilidade que emerge nos anos 1990 a partir do uso generalizado das Tecnologias de Informação e Comunicação, bem como do reforço das interdependências políticas e socioeconômicas em escala mundial (P. Matos, 2018, p.6). Para os autores, o ponto crucial é a mudança de uma modernidade vista como pesada e sólida para uma outra modernidade, leve e líquida, na qual a velocidade de movimento de pessoas, dinheiro, imagens e informação é o objetivo principal.

Cada vez mais estudos têm se voltado para a experiência da mobilidade mediada pelas tecnologias de comunicação. “A mobilidade se apresenta em três dimensões fundamentais: o pensamento, a desterritorialização por excelência para Deleuze e Guattari (1980), a física (corpos, objetos, *commodities*) e a informacional virtual (informação)” (Lemos, 2009, como citado em P. Matos, 2018, p.7).

A maioria das pessoas que trabalha como nômade digital é profissional da área de tecnologia da informação, de comunicação (principalmente marketing), design, vendas,

escritores e tradutores. Grande parte deles são empreendedores digitais, trabalhadores autônomos e freelancers.

Apesar de o fenômeno trazer ares de novidade, grupos de trabalhadores móveis ou deslocalizados não são algo tão incomum ou uma exclusividade da década atual. Executivos *jet setters* povoam as salas VIP dos aeroportos e as classes executivas dos voos comerciais já há algum tempo, mas há também um sem número de estudantes, pesquisadores, artistas, atletas, e diversos outros indivíduos para quem o deslocamento é algo necessário ou desejável para se desenvolver e adquirir status em seus respectivos campos de atuação. Sem esquecer, é claro, a enormidade de trabalhadores migrantes ao redor do mundo, para quem mover-se é, muitas vezes, uma questão de sobrevivência (P. Matos, 2018, p.6).

1.2. O impacto da pandemia da Covid-19 sobre o Nomadismo Digital

A necessidade do isolamento e distanciamento social, para evitar a disseminação do coronavírus, levou ao fechamento de mercados financeiros, escritórios corporativos, negócios e eventos. Entre as áreas mais afetadas, vários setores da indústria criativa tiveram péssimos índices de prejuízo com o sufocamento econômico.

Mas, se por um lado, as questões físicas e práticas do Nomadismo Digital (justamente viajar e poder trabalhar de onde quiser) ficaram estagnadas, pela impossibilidade de realizar viagens no mundo todo, por outro, a pandemia fortaleceu ainda mais o conceito. O CEO do *Airbnb*, Brian Chesky, disse, em entrevista (<https://viagem.estadao.com.br/blogs/sala-vip/como-a-pandemia-fortaleceu-o-nomadismo-digital/>, recuperado em 20 de agosto, 2021), que a pandemia gerou “as mudanças mais profundas no turismo desde a invenção da aviação comercial”.

De acordo com a matéria jornalística, dados da Pnad Covid, divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apontaram que em novembro de 2020 havia 7,3 milhões de brasileiros trabalhando remotamente. Internacionalmente, as estimativas são que o número de pessoas trabalhando remotamente chegue a 1 bilhão até 2035.

Os números apontam que o *home office*, trazido pela pandemia, deve permanecer em muitos casos. A escassez de referências acadêmicas e literárias sobre o tema, por ser tão atual, não impede de observar a avidez com que diversas empresas e órgãos públicos já anunciaram que não pretendem voltar ao trabalho totalmente presencial pós-pandemia. Devido ao contexto convidativo aos interessados pela forma de vida do

nômade digital, as estadias prolongadas, em hotéis ou em imóveis alugados podem despontar como uma saída para a área de hotelaria, que foi castigada pela pandemia, principalmente durante o primeiro ano pandêmico. “Hotéis em todo o mundo testemunharam cancelamentos de reservas no valor de bilhões de dólares, e a indústria hoteleira buscou um resgate de US\$ 150 bilhões” (Ozili & Arun, 2020).

Apesar de alguns dados pessimistas em alguns setores, o *home office* não trouxe só prejuízo, trouxe também economia. Um levantamento feito em agosto de 2021 pela Secretaria Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia no Brasil mostra que o trabalho remoto dos servidores públicos federais durante a pandemia da covid-19 gerou uma economia de R\$ 1,419 bilhão.

O estudo considerou a redução de gastos de custeio (manutenção da máquina pública) de março de 2020 a junho de 2021. Por esse motivo, o próprio Ministério da Economia, por meio do Programa de Gestão, anunciou que pretende transformar o teletrabalho permanente em alguns órgãos. De acordo com matéria veiculada pelo canal oficial da República Brasileira, Agência Brasil, em 3 de agosto de 2021 (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-08/trabalho-remoto-gerou-economia-de-r-14-bi-no-executivo-federal>, recuperado em 12 de agosto, 2021), a pasta incentivou os órgãos federais a adotar o trabalho remoto em atividades em que a presença física dos servidores não seja essencial. Até a data da publicação, nove órgãos federais haviam completado processo de adesão. “Entre os ministérios, as pastas da Economia, da Cidadania, do Desenvolvimento Regional aderiram ao teletrabalho permanente. Completam a lista a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel); a Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq); a Controladoria-Geral da União (CGU); a Advocacia-Geral da União (AGU); o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e a Escola Nacional de Administração Pública (Enap).”

O fortalecimento e a valorização do Nomadismo Digital fez com que algumas localizações investissem para se tornarem pólo para nômades. É o caso do Rio de Janeiro, no Brasil, que anunciou, em julho de 2021 (<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-lanca-o-programa-nomades-digitais-para-quem-quer-visitar-a-cidade-sem-deixar-o-trabalho-de-lado/>, recuperado em 5 de setembro de 2021), o programa Nômades Digitais, para quem quer visitar a cidade sem

deixar o trabalho de lado. De acordo com matéria veiculada pelo canal oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro, a cidade se prepara para receber visitantes interessados em montar sua base de trabalho temporariamente na capital carioca. Uma das medidas é a concessão do certificado Rio Digital Nomads, um selo para hotéis e hostels que vão ter tarifas especiais para esse tipo de cliente que aderir a pacotes de longa permanência. Espaços de coworkings também podem ganhar essa autenticação, que será oferecida pela Riotur. “A cidade do Rio se coloca agora ao lado de outras como Tbilisi, na Geórgia; Miami, nos Estados Unidos; Bali, na Indonésia, e Playa del Carmen, no México, que já são referências de acolhimento dos Nômades Digitais.”

Entretanto, embora o panorama se mostre favorável ao nomadismo digital, alguns especialistas estão céticos de que a força de trabalho ficará repentinamente repleta de nômades digitais permanentes, à medida que a vida diária em muitos países começa a se estabilizar. De acordo com matéria publicada na BBC, em junho de 2021, (<https://gooutside.com.br>, recuperado em 6 de setembro de 2021) o trabalho 100% remoto é uma possibilidade para alguns funcionários e talvez viável em alguns setores, mas não se tornará o “novo normal”. A matéria jornalística justifica o fato afirmando que o nomadismo digital é “estilo de vida privilegiado”. “É mais fácil para algumas pessoas se tornarem nômades digitais e mais difícil para outras, nacional ou internacionalmente, antes ou depois da Covid-19.”

Além de algumas profissões não serem compatíveis com o estilo de vida nômade, a pesquisa da *Economic Policy Institute*, encontrou questões de etnia e escolaridade nos resultados sobre nomadismo digital. Os dados mostram que, nos Estados Unidos, um em cada quatro trabalhadores brancos consegue trabalhar em casa – o que é comparado a um em cada cinco trabalhadores negros e um em cada seis trabalhadores hispânicos. “A organização também encontrou disparidades entre os níveis de educação: um em cada três trabalhadores com diploma de bacharel conseguiu trabalhar em casa durante a pandemia, em comparação com cerca de um em 20 trabalhadores com apenas o ensino médio”. Sendo assim, o estudo desponta que, mesmo pós-pandemia, uma força de trabalho nômade em escala real poderia simplesmente manter esse ciclo em andamento, dando mais privilégios e vantagens para pessoas já privilegiadas.

2. Metodologia

Em razão do tema Nomadismo Digital ser um fenômeno de discussão conceitual e que emerge como tendência no mercado de trabalho global, a partir da possibilidade de se trabalhar remotamente e ter um estilo de vida móvel graças às tecnologias de comunicação, se faz necessária uma pesquisa com abordagem pluridimensional, para entender as consequências do processo, inclusive econômicas, sociológicas e trabalhistas, em todo o globo.

Devido ao campo da problemática do objeto de estudo, inserido dentro das Ciências Sociais, ser excessivamente vasto para ser englobado ou reduzido a uma única disciplina, é imprescindível um olhar pluridisciplinar, garantindo uma convergência sistemática e organizada entre as disciplinas. A complexidade da análise para a resposta exige interpretações e voltas constantes entre pólos de estudo. Dessa forma, vê-se como saída a aplicação do método de investigação quadripolar, desenvolvido na década de setenta, pelos belgas Paul de Bruyne, Jacques Herman e Marc de Schoutheete. Estruturada à volta de interações dos polos epistemológico, teórico, técnico e morfológico, “a metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da pesquisa, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão restrita a processos rígidos, mas antes de fecundidade na produção dos resultados” (De Bruyne, & De Schoutheete, 1974).

Revisitado posteriormente pelos autores da Escola do Porto, em um trabalho de reflexão sobre a epistemologia da Ciência da Informação, Armando Malheiro da Silva e Fernanda Ribeiro, “o método quadripolar constitui-se como um dispositivo de investigação complexo, por exigência de um conhecimento que está longe de ser ‘unidimensional’, desprovido de variáveis ou circunscrito apenas à tecnicidade dos procedimentos standard [...] Segundo este modelo, a investigação científica não pode ser restringida a uma visão meramente tecnológica ou instrumental, devendo ser perspectivada por forma a superar-se o debate ‘tradicional’ entre ‘quantitativo’ e ‘qualitativo’ e por forma ainda a promover-se o fecundo intercâmbio interdisciplinar” (Silva & Ribeiro, 2002, como citado em Terra, 2014).

Assim, esse dispositivo de investigação proporciona o conhecimento multidimensional do objeto de estudo, possibilitando, a partir de uma ideia vaga e desordenada que é intrínseca ao nomadismo digital, alcançar um conhecimento científico do tema.

2.1. Método Quadripolar Aplicado

Para aplicar o Método Quadripolar ao estudo do Nomadismo Digital na Comunicação, parte-se do princípio que os profissionais que independem de localização para trabalhar ou que buscam um estilo de vida que concilia trabalho e viagem, não poderiam exercer suas funções se não fossem as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), notadamente a telefonia móvel, conexões GSM (Global System for Mobile Communications) e *wireless*.

A emergência das TICs é vista também, sob muitos aspectos, como um fator de renegociação das relações entre tempo e espaço, causando mudanças de comportamentos, rituais e padrões de comunicação, graças a uma interconectividade global.

Nesse sentido, o estudo considera que os nômades digitais são um exemplo extremo dessas transformações, “notadamente das extensivas e intrincadas conexões entre a viagem física e as formas de comunicação, ou seja, formas de viagem ‘virtual’ e ‘imaginativa’ que emergem das Tecnologias de Informação e Comunicação, além de uma resposta às exigências do capitalismo flexível” (P. Matos, 2018, p. 10). E é por esse percurso que a pesquisa segue, aplicada em cada um dos polos, a fim de representar uma condição de validade dos resultados alcançados e de legitimidade do próprio trabalho.

Nesse sentido, a pesquisa aprofunda-se com a observação dos fatos, principalmente de grupos em redes sociais; desenvolve um embasamento teórico, através da revisão de literatura; e finaliza com a recolha de dados e análise das entrevistas realizadas com 12 profissionais de comunicação que se autodenominam nômades digitais, transitando entre os pólos, por meio de uma interconexão que se estrutura em uma triangulação metodológica detalhada a seguir.

2.1.1. Polo Epistemológico

A principal aplicação do polo epistemológico dentro da metodologia é estabelecer as condições de objetividade dos conhecimentos científicos, modos de observação e experimentação entre as teorias e os fatos. “A reflexão epistemológica existe, e é a reflexão dos pesquisadores sobre os instrumentos de conhecimento, esta é feita com o objetivo de superar as crises e legitimar os pontos de vista” (Fernandes, 2013). Ou seja, a epistemologia tem uma função de vigilância crítica ao longo do processo investigativo, “delimitando a construção do objeto científico e da problemática de investigação. Em última instância, define as regras de produção e de explicação dos factos bem como de compreensão e de validação das teorias” (Terra, 2014).

Para embasar a temática principal do objeto de estudo em questão, é importante contextualizar todo o processo do nomadismo digital do ponto de vista econômico e sociológico dos mercados de trabalho em âmbito global. É necessário analisar se o fenômeno continuará a acontecer a longo prazo - ou se será efêmero - e em quais áreas de trabalho. Desenvolver essa análise central de um ponto de vista global, sem deixar de lado a questão sociológica da evolução econômica mundial foi imprescindível para o andamento da pesquisa.

A cultura da mobilidade entrelaça questões tecnológicas, sociais, antropológicas. Para a comunicação, a mobilidade é central já que comunicar é fazer mover signos, mensagens, informações, sendo toda mídia (dispositivos, ambientes e processos) estratégias para transportar mensagens afetando nossa relação com o espaço e o tempo. Na atual fase das tecnologias da mobilidade e de localização (as mídias locativas), não se trata tanto de aniquilar os lugares, mas de criar espacializações. (Lemos, 2009, p.30)

Assim, no campo epistemológico, é possível considerar a ênfase do fenômeno nomadismo digital como uma das consequências de uma nova lógica tecnológica, que reflete na economia. Uma nova lógica de redes, fluxos e conexões vivida nos dias atuais. Em uma realidade marcada pela lógica global, a habilidade de se mover por esse mundo com desenvoltura (física, intelectual e simbolicamente) e, no limite, estar em toda parte ao mesmo tempo, implica, inclusive, uma consulta alargada por parte do conceito da ubiquidade. Características contemporâneas que se tornam requisitos fundamentais tanto para o trabalhador, quanto para o consumidor e o cidadão do terceiro milênio. Tudo isso ligado à experiência contínua da mobilidade (Creswell, 2010. p. 20), que, por

sua vez, marca parte significativa das identidades e os estilos de vida na contemporaneidade (P.Matos, 2018, p.8).

Dessa forma, como trama de fundo onde o investigador se move, mas desempenha também um papel ativo, os dados compilados através do polo epistemológico serviram igualmente de motor da pesquisa, na medida em que suscitam questões que irão contribuir para resolver problemas práticos ou para formular respostas teóricas válidas, com a análise das respostas de dez profissionais da comunicação que trabalham como nômades digitais. “É aqui que se opera a reformulação constante das condições de objetividade dos conhecimentos científicos, dos modos de observação e de experimentação, tal como das relações que as ciências estabelecem entre a teoria e os factos, rompendo com o senso comum ou os conhecimentos vagos, aplicando uma linguagem científica” (Terra, 2014).

2.1.2. Polo Teórico

A teoria é a parte que envolve todo o fundamento de qualquer estudo para um pesquisador de ciências sociais. O polo teórico é inerente à pesquisa científica e orienta a definição das hipóteses e a construção dos conceitos. “A sua verdadeira função é a de ser o instrumento mais poderoso da rutura epistemológica face ao senso comum. As teorias são então fundamentais para capturar as experiências e explicá-las” (Fernandes, 2013).

Por esse motivo, a teorização foi feita desde o início da pesquisa, “funcionando como polo interno do campo metodológico da investigação, ligando o plano da descoberta (aquele onde situamos o nosso ponto de partida e construímos as nossas hipóteses e teorias) e o plano da prova (onde se opera a confirmação ou refutação das hipóteses e teorias)” (De Bruyne, Herman & De Schoutheete, 1974, como citado em Terra, 2014). Metodologicamente, a criação da teoria pode ser apresentada como o resultado da interação dos demais polos da dinâmica de investigação (epistemológico, morfológico e técnico).

Para o estudo do nomadismo digital na comunicação, o modelo de abordagem mais adequado é o da teoria sistêmica, através da qual é possível obter uma interpretação

dinâmica da realidade, com a percepção de elementos interligados de forma implícita e explícita.

Desenvolvida entre as duas Guerras Mundiais pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy, a Teoria Geral dos Sistemas desenvolve uma correlação permanente entre a estrutura e os elementos e possibilita uma visão analítica e uma visão sintética na observação dos elementos inter-relacionados entre si (Bertalanffy, 1976, como citado em Terra, 2014).

As abordagens sistêmicas aplicadas à análise do campo informacional têm constituído a opção de alguns autores. Nas palavras de Silva, os «[...] princípios e enunciados da teoria sistêmica têm plena aplicação ao fenômeno infocomunicacional, ou seja, é possível pensar sistematicamente a informação e usar esta teoria como “ferramenta” interpretativa e explicativa, devidamente inscrita no polo teórico, do método quadripolar. Serve ela, também, de suporte à componente aplicada de que os polos técnico e morfológico são expressão mais concreta» (Silva, 2006, p. 32).

Assim, no que se refere à pesquisa, há de se levar em conta o sistema capitalista globalizado (macro) e as discussões acerca dos conceitos, percepções e reflexos do nomadismo digital na comunicação (micro).

Conceitos e definições dessa natureza fazem parte de uma abordagem sistêmica aplicada à análise do campo informacional, que permite pensar o objeto de estudo em termos holísticos, com base na observação da realidade e da compreensão entre todos os elementos envolvidos. As abordagens sistêmicas aplicadas à análise do campo informacional criam um sistema capaz de exprimir a complexidade do fenômeno do nomadismo digital na comunicação mundial. Assim, fica justificada a sua adoção como modelo de inteligibilidade coerente e pertinente para enquadrar o percurso de investigação, “desde a formulação de teorias e hipóteses até à sua refutação ou validação, estando por isso presente nos polos técnico e morfológico” (Terra, 2014).

2.1.3. Polo Técnico

O polo técnico é responsável pelo recolhimento e contextualização sistêmica das informações, para que haja a transição destes elementos em dados importantes para a problemática, de uma forma geral. “A sua função é descrever os fatos em sistemas significantes, por protocolos de evidenciação experimental desses dados empíricos” (Fernandes, 2013). Os dados precisam ser apropriados em relação a determinadas

hipóteses teóricas para assumir, então, o papel de confirmação ou de refutação dessas hipóteses.

Dessa forma, observa-se, no polo técnico, o contato do investigador com o mundo real através das operações técnicas de recolha de dados, que ajudam a tomar consciência de todos os aspectos do problema, enriquecendo e diversificando a pesquisa.

As informações que interessam às ciências sociais são significantes antes de qualquer pesquisa científica, e tornam-se dados pela própria aplicação das técnicas de recolha. Esta conserva a significação das práticas sociais efetivas, e o dado deve apreender essa informação e transformá-la em algo pertinente para a investigação científica. Os dados são algo apreendido, uma apreensão do real que a investigação quer assegurar no polo técnico (Fernandes, 2013).

Ao aplicar ao objeto de estudo, existe, no entanto, uma dificuldade em obter dados estatísticos e demográficos acerca dos nômades digitais, devido ao caráter disperso.

Então, a partir já do desafio em se obter dados, é de mais valia que se realize a maior compilação de informações adequadas possível à pesquisa, com a análise de dados, de qualitativa, transitando entre os pólos, por meio de uma interconexão que se estrutura em uma triangulação metodológica. Entre algumas ferramentas importantes para a coleta de dados, foram determinadas para a pesquisa: entrevistas, revisão literária e observação direta.

Parte do modelo formulado por Quivy e Campenhoudt (1998) para a área de ciências sociais também foi eleito para enquadrar o procedimento de recolha de dados e entrelaçá-lo ao método de investigação quadripolar. O modelo em questão é estruturado em setes etapas: a pergunta de partida; a exploração por meio de leituras e de entrevistas exploratórias; a problemática; a construção do modelo de análise; a observação; a análise das informações e as conclusões.

A pergunta de partida constitui o fio condutor da pesquisa e um filtro para a recolha de dados, mas está sujeita a reformulações constantes ao longo do trabalho (Quivy e Campenhoudt, 1998, como citado em Terra, 2014, p. 31-46). No caso do objeto de trabalho, as perguntas que norteiam a pesquisa são: “Como ocorreu a inclusão do nomadismo digital na comunicação e como os profissionais da área desenvolvem suas carreiras com o trabalho remoto? Quais os efeitos desse modelo de trabalho para a produção e propagação da informação?”

O objetivo é entender quais são os reflexos atuais da facilidade da troca de informações de qualquer parte do mundo na qualidade da comunicação global, levando em consideração, principalmente, o imediatismo e a ubiquidade. Além do efeito sobre a qualidade, outra análise a se propor é observar se essa abertura ao trabalho flexível, no que diz respeito ao espaço físico, é uma oportunidade de adaptação a uma melhor qualidade de vida no trabalho de profissionais da comunicação ou se leva à precarização do trabalho, com uma cortina de status inalcançável de mobilidade contínua, alimentada pela tecnologia de informação e comunicação e adaptada às exigências do capitalismo informacional e globalizado.

2.1.4. Polo Morfológico

Polo que representa o plano de organização dos fenômenos que envolvem a pesquisa, o polo morfológico enuncia as regras de estruturação, de formação do objeto de estudo, organizando seus elementos. No polo morfológico ocorre a objetivação da problemática com a organização e apresentação dos resultados. “Trata-se, portanto, de um momento fundamental, simultaneamente quadro operatório, prático, da representação, da elaboração e da estruturação dos objetos científicos” (Terra, 2014).

Na estruturação do objeto científico, três características fundamentais demonstram a função do polo morfológico na pesquisa: a exposição, a causação e a objetivação – todos elementos indissociáveis, a serem explicados:

Ao nível da exposição, verifica-se a apresentação de teses ou de fenômenos, de conceitos ou de propostas, de factos ou de leis, com a participação conjunta da formalização, da abstração e da conceptualização (De Bruyne, Herman, De Schoutheete, 1974: 152-157). Já na causação, ocorre a escolha de um tipo de causalidade (causalidade simples ou múltipla, determinação unívoca ou múltipla) para ligar os fenômenos, os efeitos, as situações ou os factos (Terra, 2014).

Com análise das informações recolhidas e comparando os resultados observados com aqueles que tinham sido identificados como possíveis através da formulação das hipóteses, no polo morfológico, a pesquisa se organiza também através da análise estatística dos dados dos questionários por inquéritos e análise de conteúdo, levantado no polo técnico. Assim, é possível chegar à etapa das considerações finais, onde foi

possível sintetizar o conhecimento do objeto que o percurso de investigação proporcionou.

3. Comunicação, tecnologia, internet e nomadismo jornalístico

A comunicação, como um fenômeno inerente à sociedade do conhecimento, tem passado por grandes transformações ao longo do tempo, desde as “balas mágicas” da teoria de Harold Lasswell (1927). Da mesma forma, a disseminação da informação, seja ela um produto jornalístico, uma peça publicitária, uma ação de marketing ou qualquer outro formato, vive os reflexos das mudanças tecnológicas e de comportamento, que atingem desde a maneira como a mensagem é concebida, desenvolvida e distribuída, à forma como é consumida e percebida.

Em uma evolução constante, coexistente e simultânea à comunicação, a internet cresceu exponencialmente, a partir da década de 1990, como uma rede global de computadores (Castells, 2003). A importância desse movimento, para Castells, justifica-se pela internet ser uma ferramenta que permite, pela primeira vez na história, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que MacLuhan (1972) chamou de a “Galáxia de Gutenberg”, a internet fez com que a sociedade integrasse agora em um novo contexto da comunicação: a Galáxia da Internet.

O uso da Internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. (...) A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores (Castells, 2003)

3.1. Os efeitos das TICs na Comunicação

Com o passar dos anos, os usos e serviços de Internet na sociedade adaptaram-se às mudanças tecnológicas. Processo esse que transita entre as causas e consequências das transformações na comunicação até hoje. Nesse sentido, o questionamento de Lasswell (1927), trazido no começo do século XX, sobre “Que efeitos teriam os meios de comunicação na sociedade?” passa, num panorama atual, a ser revisitado e atualizado:

quais seriam então os efeitos das TICs na maneira de consumir e de produzir a informação?

Para Castells (2003), os próprios usuários são os principais produtores da tecnologia, adaptando-a a seus usos e valores e acabando por transformá-la. Nesse contexto, Castells defende que, no caso da internet, há ainda algo de especial, principalmente pela velocidade das mudanças e adaptações. Os novos usos da tecnologia, bem como as suas modificações, são transmitidos de volta ao mundo inteiro, em tempo real. “Assim, o intervalo entre o processo de aprendizagem pelo uso, e de produção pelo uso, é extraordinariamente abreviado, e o resultado é que nos envolvemos num processo de aprendizagem através da produção, num feedback intenso entre a difusão e o aperfeiçoamento da tecnologia” (Castells, 2003). Da mesma forma e com a mesma velocidade, o desenvolvimento de acesso sem fio à Internet desdobrou ainda mais as possibilidades tanto de produção quanto de consumo da mensagem.

3.1.1. Do jornalista ao produtor de conteúdo digital: as adaptações dos profissionais às novas ferramentas tecnológicas

Longe de serem as “balas mágicas” de Lasswell (1927), capazes de produzir os mesmos efeitos reativos em todos os receptores, a disseminação de informação mudou – da mesma forma que mudou também o jeito de produzir.

O impacto das ferramentas digitais de comunicação nas atividades cotidianas dos profissionais de comunicação traz a discussão de como as novas tecnologias refletem na produção dos conteúdos digitais de informação. Reflexo esse que suscitou várias consequências, principalmente no que diz respeito à produção jornalística - e o quanto esse novo contexto modificou a rotina dos profissionais da imprensa.

Por mais embasada que possa ser uma reflexão sobre o jornalismo contemporâneo e os desafios da profissão na era digital, a pesquisa em questão enfrentou uma certa carência de dados, por não ser um assunto com simplicidade de análise e ser incapaz de ser totalmente conclusivo, pois está em permanente mutação. Ademais, o imediatismo, não só das notícias, mas também do “novo modo de fazer o jornalismo e o conteúdo digital” é responsável por altos níveis de estresse e acúmulo de funções e atividades laborais.

Como citado por Bonisem e Lopes (2019), desde os primeiros tempos da profissão, a tecnologia está presente na atuação do jornalista, começando com a prensa de

Gutenberg, no século XV, e perseverando até os dias atuais. O maior destaque se dá no início do século XXI, quando o jornalismo sente a necessidade da utilização de novas tecnologias de comunicação nas suas práticas, graças ao surgimento de demandas emergentes como a interatividade, a instantaneidade e a convergência midiática.

O final do século XX, até o momento atual, é marcado pela evolução nos processos comunicacionais da sociedade, que impactam diretamente o profissional jornalista. Devido ao cenário de mudanças, princípios básicos para a execução do jornalismo, como a produção da notícia baseada nos tradicionais valores-notícia, são questionados e passam a exigir uma adequação das rotinas anteriormente estabelecidas, em um modelo organizativo da empresa noticiosa, agora para o ambiente totalmente digital. (Bonisem & Lopes, 2019, p.2)

Bonisem e Lopes desenharam um panorama do jornalista no Brasil, profissão oficialmente reconhecida somente na década de 30 do século XX, após o Decreto-lei nº 910, que dispunha sobre as condições de trabalho das empresas jornalísticas. “A partir disso, passou a ser necessária a exigência de um registro que comprovasse que o jornalista ‘não responde a processo ou condenação por crime contra a segurança nacional’, caso contrário, seria proibida a atuação do profissional. ”

Situação que, atualmente, enfrenta um retrocesso, com a Medida Provisória editada pelo atual presidente Jair Bolsonaro, que extingue a necessidade de registro profissional para todas as profissões que não possuem conselhos, inclusive a de jornalista. A alteração foi vista como um duro golpe na categoria, que já havia sofrido com a queda da obrigatoriedade do diploma em 2009.

É possível evidenciar (Travancas, 1993) que a maior transformação sofrida pela classe ao longo das décadas, antes da digitalização, foi a substituição das máquinas de escrever pelos computadores, na década de 90, que já conferiu uma significativa mudança na velocidade da produção de notícias.

A era digital, com a portabilidade das notícias pelo celular, trouxe também consequências para a rádio e a TV, entre elas, a transição do analógico para a digital e maior interatividade, alterando completamente toda a estrutura produtiva.

Na atualidade, existe uma infinidade de leitores, telespectadores, ouvintes e internautas a procura de algum conteúdo, pois o jornalismo numa nova plataforma, a internet, é capaz de circular várias informações e em qualquer formato com maior rapidez e custo de operação muito menor. Por conta dessas “facilidades” de divulgação de todos os tipos de conteúdo é deflagrada uma crise na área de comunicação – principalmente no impresso. (Bonisem & Lopes, 2019)

Apesar do cenário de crise, Bonisem e Lopes se atentam inclusive a respeito das possibilidade de investimentos das empresas de comunicação, como o modelo de anúncio do Google e as próprias redes sociais, que possibilitam distribuição de conteúdo e, por meio da interação entre seus usuários, podem estabelecer perfis específicos de público sob medida a ser repassados para o anunciante.

O que ainda preocupa é que agora, as marcas jornalísticas não tem total controle sobre qual conteúdo será feito e exibido aos usuários nem em relação ao efeito que elas terão. “O profissional jornalista tem como desafio atuar com ética e responsabilidade em uma geração com cada vez mais liberdade e participação.”

3.1.2. A propagação da informação no ciberespaço

Tão importante quanto entender a influência direta TICs para o desenvolvimento do nomadismo digital é realizar uma discussão de como esse contexto de tecnologia e mobilidade tem trazido consequências à maneira de se propagar informações no cenário atual global, uma vez que a comunicação tem sido uma das áreas que sofre as maiores mudanças, transições e adaptações ao longo do processo, tudo em uma velocidade imediatista e de complexa análise.

O grande desafio da propagação de informação no ciberespaço é a necessidade de atingir um maior número possível de audiência com máximo de eficácia, no menor custo. A maior dificuldade, segundo Bonisem e Lopes, é uma possível restrição para o conteúdo chegar a diferentes públicos. “Para o cibermeio ter um retorno financeiro significativo, posicionamento mercadológico, estratégias de negócios bem estabelecidos, ação e inserção social, há a necessidade de planejar e programar a notícia seguindo um modelo de circulação prévio” (Bonisem & Lopes, 2019).

Outro desafio tanto do jornalista no ciberespaço quanto ao produtor de marketing de conteúdo digital são os critérios de noticiabilidade e valores-notícia na Internet, além, é claro, da checagem da veracidade das informações, um dos princípios imutáveis da profissão. Nesse sentido, a grande disponibilidade de informação na internet pode dificultar o acesso de fontes confiáveis.

Outras características que atualmente também são fundamentais ao profissional de comunicação digital é o raciocínio rápido, conceito de instantaneidade, familiaridade

com aplicativos de tratamento de imagens e principais redes sociais. “Todo esse conhecimento colabora na construção da notícia numa redação digital. (...) A consequência dessa difusão é que o trabalho do jornalista tende estar cada vez mais solitário” (Bonisem & Lopes, 2019). Apesar de todas essas mudanças, o contexto não banaliza a profissão, mas sim exige uma nova formação aos profissionais de informação, de modo que auxiliem a se adaptarem às novas ferramentas tecnológicas.

Todas as três gerações de profissionais que participaram da pesquisa dos autores concordam em alguns pontos, entre eles, a confirmação de que as funções dos repórteres e editores foram significativamente modificadas devido à introdução de tecnológicas digitais de informação e comunicação, além de concordarem também em fatores como aumento de estresse, maior interação com o público, redução do tempo de elaboração do produto final e aumento do acúmulo de funções.

Na outra ponta, independente da chegada das novas tecnologias, outros fatores que todos concordam que devem ser preservados e nunca sofrerem alteração é a apuração e checagem da informação, relação de confiança e compromisso com a fonte, ética, informações verídicas e definição de funções.

O modo de produção da informação é o que reflete as maiores transformações. A ocorrência de uma integração do jornalismo com diversas mídias em apenas uma reportagem (áudio, fotos, vídeos, dados, infográficos) e a necessidade de produção de conteúdo para várias plataformas, faz com que o profissional de comunicação não consiga se aprofundar em nenhuma delas, com o risco do conteúdo perder em profundidade e contextualização, além do risco de divulgação de informações falsas ou mal apuradas. Ademais, à respeito do jornalismo, a considerável redução do número de jornalistas nas redações da grande imprensa piora ainda mais o quadro, apesar das facilidades de trabalho trazidas pela tecnologia.

Nesse sentido, é possível observar que diversas consequências acompanharam (e ainda acompanham) o ritmo de transformações dos profissionais de comunicação, sendo muitas delas irreversíveis.

3.1.3. O jornalista e o nomadismo digital

Um dos aspectos relevantes a considerar na relação dos usuários do universo digital é o domínio da mobilidade. A mobilidade em redes (Castells, 2001) permite o tráfego

simultâneo por muitos caminhos. “Em tempos em que a tecnologia e a internet permitem ao profissional criar um próprio espaço para difusão e produção de conteúdo jornalístico, apostar em novos modelos para o exercício do jornalismo revela-se necessário. Nesse sentido, o jornalismo, exercido na lógica do nomadismo digital, pode revelar um cenário promissor - para a área no geral e, principalmente, para os profissionais que trabalham com a informação” (Silva & Moreira, 2015).

O jornalismo passa por um processo de reinvenção. A discussão mais aprofundada sobre novos modelos de negócio e novas maneiras de se praticar jornalismo, mostra-se, além de saudável, necessária para uma melhor compreensão sobre o futuro da atividade e suas perspectivas. O mundo novo do jornalismo provavelmente vai ter menos poder concentrado nos veículos, e talvez mais concentrado nas plataformas de distribuição, autorais. (Silva & Moreira, 2015)

Nesse panorama de velocidade de informação, em que a máquina não espera o cérebro se organizar; e o cérebro não espera a máquina se manifestar, um jornalismo aprimorado, que trate a informação com mais detalhe, precisão e esmero, pode fazer a diferença em um meio em que a notícia, uma mercadoria valiosa, é explorada, muitas vezes, de maneira superficial e sem o devido cuidado (Moreira & Silva, 2015). Para os autores, a prática do jornalismo nômade pode ser um dos possíveis caminhos para ampliar as potencialidades da atividade.

São perspectivas como estas que tratam do campo da Comunicação não apenas como circulação de signos e mensagens, mas também de pessoas e *commodities* (um campo mais associado aos estudos de transporte e à geografia).

“Em um mundo marcado pela lógica global, a habilidade de se mover por esse mundo com desenvoltura (física, intelectual e simbolicamente) e, no limite, estar em toda parte ao mesmo tempo se tornam requisitos fundamentais para o trabalhador, o consumidor e o cidadão do terceiro milênio. Tudo isso estaria ligado à experiência contínua da mobilidade (Cresswell, 2010), que, por sua vez, marca parte significativa das identidades e os estilos de vida na contemporaneidade.” (P. Matos, 2018, p.8)

4. Comunicação nas Indústrias Criativas

A concepção da Comunicação nas Indústrias Criativas (IC) parte, antes de mais nada, da própria definição da economia e indústrias criativas, para que seja possível um completo entendimento sobre o tema em reflexão proposto. A questão sobre a definição do

conceito de economia criativa vem sendo amplamente discutida desde o final do século XX, quando o setor criativo se mostrou estar em pleno crescimento, contribuindo, por sua vez, de forma positiva para o posicionamento de empresas e marcas, aumentando as suas possibilidades no mercado. “A economia criativa resulta, segundo John Howkins (2001), de atividades mercadológicas provenientes da capacidade do indivíduo exercitar a sua imaginação e criatividade com o intuito de explorar o seu valor económico. Ou seja, envolve processos nos quais a criatividade e o capital intelectual são os principais recursos produtivos” (Amorim, 2014).

Dessa forma, na prerrogativa de discutir-se a inovação e criatividade como forma de geração de renda e produção de valores econômicos, a indústria criativa em si, é por sua vez, apontada como um setor do mercado que trabalha com os valores consolidados pela economia criativa. Nela, se encontram as indústrias produtoras de bens intelectuais e culturais como indústrias de cinema, moda, design, arquitetura, turismo e também da comunicação. “Nas diversas sistematizações ou classificações para as indústrias criativas, áreas como publicidade, filme e vídeo, televisão e rádio, editoras, internet, artes gráficas e visuais, aparecem aqui e ali” (Guindani e Silva, 2018).

Em essência, o setor é pautado na combinação de alguns elementos-chave, como a propriedade intelectual (ou a criatividade), a inovação e a geração de impacto. Somados, os conceitos citados representam a força-motriz do desenvolvimento, tal qual deve ser em quaisquer setores: contínuo, humanizado e apoiado em necessidades reais e particularidades do ambiente no qual desponta.

Para Guindani e Silva, as ICs, como classificadas pela UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) a partir da XI Conferência Ministerial da entidade, em 2004, ampliaram o conceito de criatividade e por consequência, a própria definição da Indústria Criativa.

“A partir deste evento a criatividade, pelo menos do ponto de vista da UNCTAD, saiu do campo restrito das artes ou expressões artísticas e passou a ser definida como ‘qualquer atividade econômica que produza produtos simbólicos intensamente dependentes da propriedade intelectual, visando o maior mercado possível’ (UNCTAD, 2004, s/p). É nesta mudança ou ampliação da definição de IC que são incluídas atividades típicas do mercado comunicacional como publicidade, editoras e outras relacionadas à mídia. O argumento para a inclusão das atividades downstream deriva do seu valor comercial

proporcionado pela capacidade de reprodução. Na definição da UNCTAD as atividades relacionadas ao campo da mídia são identificadas como indústrias culturais e formam um subconjunto da Indústria Criativa”. (Guindani & Silva, 2018)

Em particular, a economia criativa se destaca por seu papel duplo (em alguns casos, até triplo). Ao mesmo tempo em que atende e acolhe anseios socioculturais, representa, também, um produto econômico rentável, durável e em constante evolução. Além disso, pode ser, circunstancialmente, convertida em um veículo de transformação e educação societal (a cultura enquanto catalisadora de mudanças, como é mencionado no *Creative Economy Outlook*, da UNCTAD).

Figura 1: Sistema de Classificação para as Indústrias Criativas

Tabela 1.1 Sistemas de classificação para as indústrias criativas derivados de diferentes modelos			
1. Modelo do DCMS do RU	2. Modelo de textos simbólicos	3. Modelo de círculos concêntricos	4. Modelo de direitos autorais da OMPI
Publicidade Publicidade Arte e antiguidades Artesanato Design Moda Filme e vídeo Música Artes cênicas Editoras Software Televisão e rádio Videogames e jogos de computador	Indústrias culturais centrais Publicidade Filmes Internet Música Editoras Televisão e rádio Videogames e jogos de computador Indústrias culturais periféricas Artes cênicas Indústrias culturais sem distinção fixa Eletrônicos para consumidor Moda Software Esporte	Artes criativas centrais Literatura Música Artes cênicas Artes visuais Outras indústrias culturais centrais Filmes Museus e bibliotecas Indústrias culturais mais amplas Serviços de patrimônio Editoras Gravação de sons Televisão e rádio Videogames e jogos de computador Indústrias relacionadas Publicidade Arquitetura Design Moda	Indústrias centrais de direitos autorais Publicidade Sociedades de gestão coletiva Filmes e vídeos Música Artes cênicas Editoras Software Televisão e rádio Artes gráficas e visuais Indústrias de direitos autorais interdependentes Material de gravação em branco Eletrônicos para consumidor Instrumentos musicais Papel Fotocopiadoras Equipamento fotográfico Indústrias de direitos autorais parciais Arquitetura Vestuário, calçados Design Moda Utensílios domésticos Brinquedos

Fonte: UNCTAD, 2010: p. 37

Figura 2: Classificação da UNCTAD para as indústrias criativas



Fonte: UNCTAD, 2010: p. 38

“As indústrias criativas: são os ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários; constituem um conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente gerem receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual; constituem produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado; posicionam-se no cruzamento entre os setores artísticos, de serviços e industriais; e constituem um novo setor dinâmico no comércio mundial” (UNCTAD, 2010)

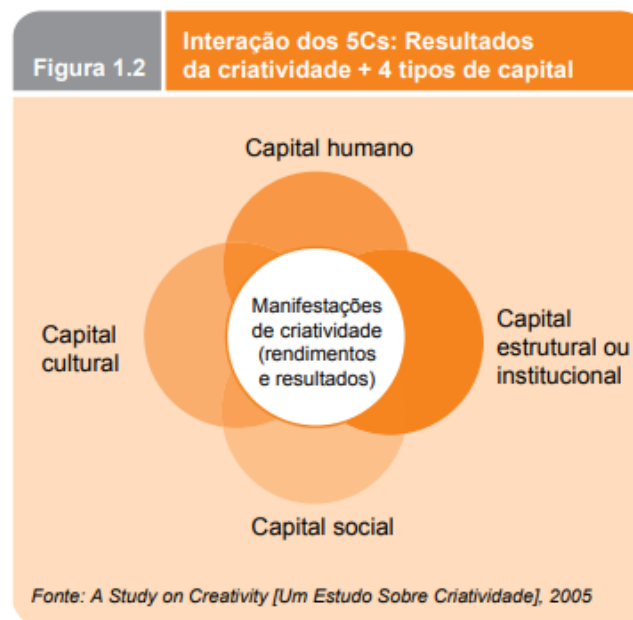
Independentemente de seu core, ou seja, atividade principal de uma empresa, as indústrias criativas são, conforme apontado pelo próprio relatório da UNCTAD, mais do que setores com bom desempenho econômico — são formas de representar o ser humano em seus aspectos mais profundos, convertendo herança, tradição e criatividade em expressões e valores sociais.

De acordo com a pesquisa organizada por Guindani & Silva (2018), em 2010, a UNCTAD buscou ampliar ainda mais seu escopo de pesquisa. “Na segunda e, em seguida, na terceira edição, o conceito de economia criativa foi ampliado. Em função da ausência de indicadores, o Relatório se torna mais qualitativo, passando a apresentar cases de sucesso dos setores criativos nos diversos países do mundo”. Assim, o relatório (UNCTAD, 2010) definiu alguns pilares: “A economia criativa é um conceito em evolução baseado em ativos criativos que potencialmente geram crescimento e desenvolvimento econômico; ela pode estimular a geração de renda, a criação de empregos e a

exportação de ganhos, ao mesmo tempo que promove inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano; ela abraça aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com objetivos de tecnologia, propriedade intelectual e turismo; é um conjunto de atividades econômicas baseadas em conhecimento, com uma dimensão de desenvolvimento e interligações cruzadas em macro e micro níveis para a economia em geral; é uma opção de desenvolvimento viável que demanda respostas de políticas inovadoras e multidisciplinares, além de ação interministerial” (Guindani &Silva, 2018).

A partir destas perspectivas, essa pesquisa em questão permite enxergar, mais do que nunca, as potencialidades das indústrias criativas e culturais enquanto ferramentas de vigor social, ao mesmo tempo em que nos traz consciência sobre os desafios sociais e econômicos impostos pela lógica histórica acerca do setor. Para que atue como o driver do crescimento sustentável em um mundo em desenvolvimento (como pontua David Thorsby, 2015, em seu trabalho *“The Cultural Industries as a sector of the economy”*), é preciso trabalhar para que o setor cultural seja encorpado e profissionalizado, se consolidando como peça-chave para conduzir e disseminar conhecimentos de interesse global.

Figura 3: Resultado da criatividade + 4 tipos de capital



Fonte: UNCTAD, 2010, p. 4

Nesse caso, como cita o relatório UNCTAD (2010) é importante mensurar não somente os resultados econômicos da criatividade, mas também o ciclo de atividade criativa por meio da interação de quatro formas de capital — social, cultural, humano e estrutural ou institucional — como determinantes do crescimento da criatividade: o que o relatório nomeia como capital criativo.

4.1. Indústria Criativa e Indústria Cultural

O escopo da economia criativa é determinado pela extensão das indústrias criativas. Contudo, conforme citado no relatório UNCTAD (2010), a definição de indústrias criativas, é uma questão de considerável inconsistência e divergência nos círculos literários acadêmicos e legisladores, especialmente em relação ao conceito paralelo de indústrias culturais.

Como citou o estudo organizado por Guindani e Silva (2018), esta é uma distinção bastante importante, uma vez que “indústria cultural” é um conceito teórico (Adorno & Horkheimer) e “indústria criativa” é um setor da economia criativa (Howkins, 2020). O termo indústria cultural surgiu no pós-guerra e foi cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, integrantes da Escola de Frankfurt, utilizado, pela primeira vez no ensaio “Dialética do esclarecimento”, em 1947.

Lemos (2013, p.154), recorda que, de acordo com os teóricos, a indústria cultural trata da integração das diversas manifestações artísticas e culturais à lógica das relações de troca, fazendo-as perder seu valor cultural para ganhar importância de mercado, conforme mandam as estruturas capitalistas de produção.

“Bárbara Freitag complementa, no texto ‘A teoria crítica: ontem e hoje’, essa particularidade da indústria cultural, baseada nas formulações de Adorno e Horkheimer: Numa sociedade em que todas as relações sociais são mediatizadas pela mercadoria, também a obra de arte, ideias, valores espirituais se transformam em mercadoria, relacionando entre si artistas, pensadores, moralistas através do valor de troca do produto. Este deixa de ter o caráter único, singular, deixa de ser a expressão da genialidade, do sofrimento, da angústia de um produtor (artista, poeta, escritor) para ser um bem de consumo coletivo, destinado, desde o início, à venda, sendo avaliado segundo sua lucratividade ou aceitação de mercado e não pelo seu valor estético, filosófico, literário intrínseco (FREITAG, 2004, p. 72).” (Lemos, 2013, p. 154).

4.1.1. As possibilidades econômicas da Indústria Criativa

A partir desse contexto, há uma reflexão sobre o regime econômico predominante desde então. Uma vez que, a base do regime capitalista não está apenas na acumulação de capital, mas também na existência de relações de poder. (Lemos, 2013, p.155).

O autor ainda cita o idealismo teórico de Herbert Marcuse, que reconhecia, dentro dos moldes socialistas, o cruzamento da reprodução material por meio do trabalho com o universo das artes, das ideias e dos sentimentos, como atividade realizada com satisfação e felicidade pelo trabalhador. Mesmo considerando a reflexão de Marcuse, Lemos prioriza o pensamento negativista de seus rivais acadêmicos, Adorno e Horkheimer, ao chamar a posição de Marcuse de “maneira quase ingênua de se pensar a indústria cultural”.

Para o autor, neste sentido, a Indústria Cultural, uma vez implantada no sistema capitalista, atua como suporte à veiculação dos ideais de sustentação e reprodução da estrutura de dominação vigente, ou seja, contribui para a manutenção do poder instituído. “Dessa forma, ao consumir o que é imposto pela indústria cultural, o ser torna-se refém do mundo externo (o do consumismo), perdendo a capacidade de pensar de maneira crítica e de dar significância aos elementos que o rodeiam” (Lemos, 2013, p. 156).

E, ao citar assertivamente as considerações do sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard sobre a sociedade de consumo, na tese de Susi Berbel Monteiro (2009), o autor evidencia que “é justamente esse processo imbecilizante que permite ao indivíduo sentir-se parte da sociedade, embora provoque o afastamento dele de seu próprio inconsciente.” Como ainda refere Lemos, as necessidades dos homens tornam-se basicamente as mesmas, provocando a instauração de padrões comportamentais e de consumo, que repercutem no interesse exagerado por determinados produtos do mercado midiático.

O autor sugere que uma saída possível possa ser a utilização do potencial dos meios técnicos de reprodução, como a chave para o resgate e preservação desses saberes da sociedade - e também da civilização brasileira. “A criação de veículos comunitários, capazes de sustentar os costumes e hábitos de uma comunidade, ou a elaboração de estratégias amplas de comunicação para a resolução de conflitos e problemas sociais,

são algumas alternativas que, embora não representem nenhuma novidade, são fundamentais para a manutenção da diversidade.”

De fato, aqueles que se submetem ao modelo de indústria criativa nada mais fazem que falar de modo diferente a mesma coisa. Por outro lado, o posicionamento crítico ainda pode ser visto nos que fomentam um tipo de arte que produz efeitos estéticos fora da padronização oferecida pela indústria.

Como referido pelo autor, os produtos analisados classificados como alternativos e questionadores, não escapam à lógica da indústria cultural, uma vez que a coerência econômica e social do mundo atual assim o exige. Esses produtos, no entanto, contemplam qualidades que os diferenciam, de alguma maneira, das obras destinadas somente ao consumo e, por isso, vazias de teor crítico.

Assim, segundo a visão do autor, é praticamente impossível fugir do modelo atual, mas há a necessidade de buscar fontes alternativas de arte e de produção cultural, que, ainda que sejam utilizadas pela indústria, promovessem o mínimo de conscientização possível. Essas reflexões econômicas que envolvem os produtos e serviços criativos também são abordadas no relatório da UNCTAD (2010). Por esses motivos é que às vezes existe uma diferenciação entre as indústrias criativa e cultural; e, às vezes, os termos são usados de forma intercalada. “Uma maneira sensata de se abordar essa questão é começar por definir os produtos e serviços que essas indústrias produzem. O conceito de “produtos culturais” pode ser articulado quando a noção de “cultura” é aceita, seja em seu sentido antropológico ou funcional” (UNCTAD, 2010)

De acordo com o relatório, uma definição adicional ou alternativa de “produtos e serviços culturais” deriva da consideração do tipo e valor que eles englobam ou geram. “Ou seja, é possível sugerir que esses produtos e serviços possuam valores culturais além de quaisquer valores comerciais que possam ter, e que tal valor cultural pode não ser totalmente mensurável em termos monetários. Em outras palavras, as atividades culturais de vários tipos de produtos e serviços que eles produzem são valorizadas – tanto por aqueles que os fabricam quanto por aqueles que os consomem – por razões sociais e culturais que, provavelmente, complementam e transcendem uma valorização puramente econômica. Essas razões podem incluir considerações estéticas ou a contribuição das atividades para a compreensão comunitária de identidade cultural. Se

tal valor cultural pode ser identificado, ele poderá servir como uma característica observável pela qual os produtos e serviços culturais podem ser distinguidos em relação a diferentes tipos de commodities” (UNCTAD, 2010)

5. Contextualização Econômica

Apesar do fato da pesquisa estar inserida na Comunicação, e, portanto, em um dos braços da Indústria Criativa, foi necessário entender o contexto econômico para além das paredes da Economia Criativa, para uma abordagem mais completa. Como citado no Relatório de Economia Criativa da UNCTAD (2010), embora a análise retórica e econômica do material leve em consideração os princípios da economia cultural enquanto uma disciplina, é importante compreender as dinâmicas de criatividade e suas interações gerais com a economia mundial, incluindo sua dimensão multidisciplinar na qual as políticas culturais interagem com políticas tecnológicas e comerciais.

Dessa forma, no que se refere à pesquisa, há de se levar em conta o sistema capitalista globalizado (macro) e as discussões acerca dos conceitos, percepções e reflexos do Nomadismo Digital na Comunicação (micro).

5.1. Evolução histórica das tecnologias

As inovações tecnológicas do século XX (especificadamente a partir de 1951), com o surgimento da primeira geração de computadores da forma como conhecemos atualmente e, posteriormente, com o surgimento da internet, afetaram profundamente o modo de viver do ser humano, nos mais variados níveis e aspectos. Apesar da Internet só ter se popularizado e desenvolvido na década de 1990, de acordo com Castells (2003), suas origens podem ser encontradas na Arpanet, uma rede de computadores montada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) em setembro de 1969. “A ARPA foi formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do primeiro *Sputnik* em 1957. A Arpanet não passava de um pequeno programa que surgiu de um dos departamentos da ARPA, o *Information Processing Techniques Office* (IPTO), fundado em 1962 com base numa unidade preexistente.” (Castells, 2003).

Período esse, que, segundo o autor, começou pós-Segunda Guerra Mundial (principalmente entre os anos 1945 – 1975) teria ocorrido uma “Terceira Revolução tecnológica” dominada pela energia nuclear e pela automação. Castells afirma que, no final do século XX, três processos independentes se uniram, inaugurando uma nova estrutura social predominantemente baseada em redes: as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica. “Sob essas condições, a Internet, uma tecnologia obscura sem muita aplicação além dos mundos isolados dos cientistas computacionais, dos *hackers* e das comunidades contraculturais, tornou-se a alavanca na transição para uma nova forma de sociedade — a sociedade de rede —, e com ela para uma nova economia.” (Castells, 2003)

5.1.1. Reflexo da evolução das tecnologias no sistema econômico

O profundo reflexo no comportamento do ser humano transformou a forma como ele se relaciona, consome, e, em consequência, trabalha e ganha dinheiro. “Tudo isso acontece graças à revolução da internet. E todos os profissionais precisam estar atentos a essas mudanças. Quem não percebe que vivemos uma transformação profunda, não consegue ler o cenário e encontrar estratégias para fazer negócios nesse novo mundo” (Pereira, 2018, p.56).

As mudanças de padrões de consumo cultural também impulsionam o crescimento da economia criativa. Mais uma vez, é a disseminação de novas tecnologias da comunicação que está por trás da transformação. “Novas gerações de consumidores em todos os continentes estão usando a Internet, telefones celulares e as mídias digitais de maneiras que não somente aumentam sua extensão de experiências culturais, mas também os transformam em coautores de conteúdo digital, em vez de receptáculos passivos de mensagens culturais.” (UNCTAD, 2010)

Um estudo feito pela *Dell Technologies* (2017) (<https://www.itforum.com.br/> recuperado em 25 de agosto, 2021) projetou que, graças aos avanços tecnológicos, aproximadamente 85% das profissões de 2030 ainda não existem. Batizado de ‘*The Next Era of Human-Machine Partnerships*’, o levantamento mapeou o impacto que as novas

tecnologias deverão ter na vida e no trabalho das pessoas nos próximos dez anos. “O estudo mostra que, na próxima década, todas as organizações e os negócios serão baseados em tecnologia, exigindo que as empresas repensem os modelos atuais de infraestrutura e formas de trabalho. ”

A força produtiva do trabalho é determinada por meio de circunstâncias diversas (MARX, 1981). “Entre outras, pelo grau médio de habilidade dos trabalhadores, o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica, a combinação social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais.” (MARX, 1981, p. 45)

Diante de perspectivas como essas, o nomadismo digital e sua hipermobilidade surge em resposta a um modelo de trabalho rígido e fixo imposto pelo capitalismo desde o pós-Segunda Guerra. O modo de trabalho aparece em contraponto às hierarquias executivas característica das organizações das grandes multinacionais.

A rejeição à hierarquia, nos anos 90 (que, na esteira dos economistas de custos de transação, caracteriza a "organização funcional" [hierarchy], distinguindo-a do "mercado"), é mais impressionante porque os leitores dos autores em questão são essencialmente constituídos por executivos de grande grupos e de multinacionais, que, apesar de todos os esforços, dificilmente prescindirão de hierarquias. Os motivos alegados para justificar essa carga anti-hierárquica muitas vezes são de ordem moral e fazem parte de uma recusa mais geral às relações dominantes-dominados". Também estão relacionados com uma evolução inelutável da sociedade: os seres humanos já não querem ser comandados nem comandar". A elevação geral do nível educacional explica, para outros, por que a hierarquia se transformou num modo de organização superado (Boltanski e Chiapello, 2009).

A maior parte dos nômades digitais são empreendedores digitais, trabalhadores autônomos e *freelancers*. Uma minoria que consegue ter essa flexibilidade laboral trabalha de forma remota para empresas que se adaptaram a um novo modelo de gestão.

Em 2010, o relatório UNCTAD já previa a desregulamentação das indústrias de mídia e de telecomunicações. De acordo com o relatório, a convergência das tecnologias de multimídia e telecomunicações levou a uma integração dos meios pelos quais o conteúdo criativo é produzido, distribuído e consumido. A consequência desse fato, estimula novas formas de expressão criativa, inclusive nos modelos de negócios de comunicação.

Ao mesmo tempo, a desregulamentação das indústrias de mídia e de telecomunicações, além da privatização das companhias estatais nessas esferas, abriu caminho para o crescimento massivo de investimentos no setor privado, o que causou consequentes efeitos generalizados na produtividade e nos níveis de emprego. Uma quantidade de países tem aproveitado as oportunidades oferecidas por esses acontecimentos. Por exemplo, a República da Coreia vem experimentando uma onda de crescimento impulsionado por seu aproveitamento da criação de conteúdo para as novas tecnologias em videogames, animação e outros serviços audiovisuais. Como resultado, as exportações da televisão coreana, por exemplo, triplicaram em valor (passando de \$ 12,7 milhões para \$ 37,5 milhões) de 1999 a 2003. (UNCTAD, 2010)

5.2. Desterritorialização do capitalismo

Essa possibilidade de trabalhar a qualquer hora e de qualquer lugar, dá sinais de um capitalismo cada vez mais desterritorializado, que está modificando as formas e normas do trabalho, e se inserem em um contexto de interdependências políticas e socioeconômicas em escala mundial.

Não só os avanços tecnológicos parecem ser os protagonistas deste fenômeno, mas o caminho para essa “revolução” (como os próprios “nômades digitais” descrevem esse movimento) vem sendo pavimentado por uma série de transformações econômicas e sociais a partir da década de 1990. Tal cenário, composto por encurtamento das distâncias proporcionado pelos avanços na comunicação, mas também no transporte transnacional, intensificação da circulação de capital, bens e pessoas, entre outros, se mostrou ideal para o surgimento do fenômeno. (P. MATOS, 2018)

Para P. Matos (2018), a emergência das TICs é vista também, sob muitos aspectos, como um fator de renegociação das relações entre tempo e espaço, causando mudanças de comportamentos, rituais e padrões de comunicação, graças a uma interconectividade global.

Interconectividade que possibilita a composição de novos formatos de trabalho, resultando no surgimento de uma crise do trabalho tradicional, com o enfraquecimento não apenas entre os arranjos predominantes da força de trabalho (Nascimento, 2015), mas em toda centralidade da vida contemporânea. “Como bem observou Bauman (2001), em seu estudo sobre a “modernidade líquida”, nesse cenário fluido com o qual nos deparamos, ‘O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar auto definições, identidades e projetos de vida. Nem pode ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual.’ Com isso, o trabalho deixa de ser encarado como o elemento central a partir

do qual o sujeito pós-moderno organiza todas as outras instâncias de sua vida”. (Nascimento, 2015).

A possibilidade de uma carreira construída com flexibilidade, a perspectiva de empregos que durem uma vida inteira acaba sendo substituída por uma perspectiva focada em vivências diárias e experiências vividas de forma imediata, a sinalizar uma das pontas dessa transformação social.

Nesse sentido, os nômades digitais são considerados um exemplo extremo dessas transformações, “notadamente das extensivas e intrincadas conexões entre a viagem física e as formas de comunicação, ou seja, formas de viagem ‘virtual’ e ‘imaginativa’ que emergem das Tecnologias de Informação e Comunicação, além de uma resposta às exigências do capitalismo flexível. ” (P. Matos, 2018).

Dessa forma, as mudanças são identificadas não apenas no valor social do trabalho, mas no que diz respeito à centralidade econômica, moral, ideológica, filosófica e contratual (Bendasolli, 2006)

5.2.1 Precarização do trabalho

Além do contexto que envolve a globalização do mercado de trabalho, há de se levar em conta a desregulamentação de algumas profissões em alguns países, como é o caso dos jornalistas, publicitários e radialistas no Brasil, que perderam os registros profissionais em novembro de 2019, através de uma Medida Provisória que afeta todas as carreiras envolvidas. A alteração foi vista como um duro golpe na categoria, que já havia sofrido com a queda da obrigatoriedade do diploma em 2009 ([http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1198310-5598,00-](http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1198310-5598,00-STF+DERRUBA+EXIGENCIA+DE+DIPLOMA+PARA+EXERCICIO+DA+PROFISSAO+DE+JORNALISTA.html)

STF+DERRUBA+EXIGENCIA+DE+DIPLOMA+PARA+EXERCICIO+DA+PROFISSAO+DE+JORNALISTA.html, recuperado em 20 de dezembro de 2019)

Certas profissões, ao ficarem desreguladas corporativamente, colocam os profissionais em uma lógica aberta de mercado, de um capitalismo globalizado e extinguindo o mercado laboral e fechado. Um panorama tão atual mostra que estamos em pleno processo de transição, sujeito à dinâmica de globalização. Embora seja de muita complexidade qualquer previsão de mercado, graças a esse fator, entender todo o contexto e ter a possibilidade de apanhar algumas tendências é um dos destaques da própria pesquisa em si.

Nesse sentido, as atuais perspectivas mostram que os riscos impostos pelo desenvolvimento intensivo da economia digital estão associados principalmente com fatores socio-econômico e culturais. “O nômade moderno, inicialmente fascinado pela liberdade ilimitada, começa gradualmente oprimido por ele.” (Iakovleva, Seliverstova & Grigoryeva, 2017, p. 17).

Há, é claro, um histórico importante de conquistas e de consolidação da evolução na comunicação como um aspecto de relevância em termos econômicos. Entretanto, há, também, algum desconhecimento sobre as potencialidades do setor, e, sobretudo, de sua capacidade de operar autonomamente como agente de mudança, por isso, inclusive a necessidade da pesquisa.

5.2.2. Riscos

Além de uma possível precarização de mercado de trabalho, como um preço a se pagar pela flexibilização das carreiras, há outros riscos que devem ser levados em conta na análise da pesquisa.

Entre os riscos do desenvolvimento acelerado da economia criativa e digital (Iakovleva, Seliverstova & Grigoryeva, 2017, p.17), está o risco de desenvolver consequências negativas na formação de um novo tipo de indivíduo e profissional – o nômade digital. O estudo russo ainda cita outros, como a facilidade de formação de redes de desinformação, como produtores de notícias falsas “e sua replicação por indivíduos com baixo nível de reflexão”; as dificuldades com a legislação, de acordo com cada localidade; além dos riscos causados pela criação acelerada de funções laborais com recursos de baixa e média qualificação, uma vez que “se houver demanda para novas tecnologias aumentará em um ritmo mais rápido do que as possibilidades do sistema de educação, para a formação de pessoal qualificado”.

São questões para além de uma análise econômica e tecnológica, uma vez que envolvem inclusive áreas como educação, sociedade, políticas públicas e cultura. Esse sentido mais amplo sobre o assunto não será abordado na pesquisa.

6. Trabalho empírico: entrevistas e apresentação e discussão de resultados

6.1. Dados estatísticos

Os sites e redes sociais são as principais formas de como os nômades digitais se organizam e se comunicam, sendo os grupos de *Facebook* a principal ferramenta. “Há, ainda, um conjunto de ferramentas utilizadas por nômades digitais como o *Hashtag Nomads*, serviço de chat geolocalizado que permite conversar com outros nômades em cada cidade, além de fóruns de discussão dedicados ao assunto em sites de redes sociais diversos como o *Reddit*, além do *Nomad Forum*, do mesmo criador do *Hashtag Nomads*” (P. Matos, 2018, p.9).

Existe, no entanto, uma dificuldade em obter dados estatísticos e demográficos acerca dos nômades digitais, devido, tanto à novidade do tema quanto ao caráter disperso da atividade. Contudo, ao aliar algumas tentativas de pesquisa quantitativa e observação em sites e redes sociais, “é possível afirmar, por exemplo, que os nômades digitais estão igualmente distribuídos em gênero, possuem em média entre 25 e 35 anos e são majoritariamente de origem europeia e estadunidense, embora a tendência cresça entre nacionalidades do mundo” (P. Matos, 2018, p.11).

Como já citado anteriormente, no capítulo 5, a maior parte dos nômades digitais são empreendedores digitais, trabalhadores autônomos e *freelancers*. Uma minoria que consegue ter essa flexibilidade laboral trabalha de forma remota para empresas que se adaptaram a um novo modelo de gestão.

6.2. Critério de escolha dos entrevistados

A delimitação do tema da dissertação em “Nomadismo e Comunicação” já determina os critérios de definição dos entrevistados para a pesquisa. Todos eles trabalham com comunicação e se consideram nômades digitais - ao menos parcialmente (Tabela 4). Os entrevistados são de nacionalidade brasileira (alguns possuem dupla nacionalidade) e estão localizados em países diferentes, como Brasil (Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste), Portugal, Espanha, Estados Unidos e Filipinas.

Para a escolha da localização, foi levado em conta a questão da diversidade territorial. A pesquisa buscou abranger locais heterogêneos: Os Estados Unidos, por ter tido a primeira referência literária denominando o Nomadismo Digital (Makimoto & Manners, 1997); a Europa, pela relevância mundial e local de destino de muitos nômades digitais (Portugal, em especial, por ser a casa da Universidade do Porto; as Filipinas, por se tratar de um país localizado no continente asiático, de localização distante do Brasil e pela

particularidade de ser um destino de escolha incomum. O Brasil foi escolhido pela nacionalidade da pesquisadora e dos entrevistados e está representado por quatro regiões distintas, com perfis e cultura consideravelmente díspares umas das outras.

O acesso à população investigada foi possível devido a alguns indivíduos da pesquisa terem tido contato com a pesquisadora em algum momento da carreira profissional. Outros, foram indicados por colegas profissionais e houve ainda os que foram localizados por serem membros de grupos *on-line* de redes sociais (*Facebook* – Grupo Nômades Digitais Brasil).

A maioria (pelo menos metade dos entrevistados) trabalha com publicidade e *marketing* e possui Ensino Superior Completo. As entrevistas foram feitas no mês de agosto e setembro de 2021, por *e-mail*, *WhatsApp* e reuniões virtuais por vídeo. As perguntas do questionário foram definidas a partir de análises feitas após a revisão de literatura. Por questões de ética e sigilo acadêmico, foi mantido o anonimato dos entrevistados. A definição do modelo de entrevista (*on-line*) foi devido às diferentes localidades em que se encontram os indivíduos e também pela praticidade da análise dos resultados. O próprio método de pesquisa, realizado na maioria dos casos de forma remota, funcionou como uma indicação de funcionalidade do estilo de vida em investigação.

6.2.1. Perfil dos entrevistados

O perfil dos nômades digitais é muito diversificado, mesmo delimitando a área de atuação na pesquisa (Comunicação). Apesar de alguns partilharem a mesma profissão e formação escolar, o modo de vida e de trabalho diverge bastante.

Todos eles já trabalharam, em algum momento da carreira, de forma presencial, na mesma área de atuação em que hoje se encontram. O gênero varia e o estado civil, na maioria dos casos, não interfere no estilo de vida, uma vez que o companheiro ou companheira geralmente compartilha as mesmas diretrizes.

Apesar do *lifestyle* do Nomadismo Digital ser frequentemente associado apenas aos *millennials* conhecedores de tecnologia, e às gerações X, Y e Z (Souza, 2020) a faixa etária que a pesquisa encontrou nos indivíduos entrevistados varia mais de duas décadas: entre 24 e 50 anos.

Tabela 1: Perfil dos entrevistados.

Identificação	Localização atual	Idade	Gênero	Estado Civil
E1	Cebu (Filipinas)	40 anos	Feminino	Casada
E2	Recife, Pernambuco (Brasil)	37 anos	Masculino	Casado
E3	Atibaia (Brasil)	30 anos	Feminino	Solteira
E4	Rio de Janeiro (Brasil)	33 anos	Masculino	Casado
E5	São Paulo (Brasil)	34 anos	Masculino	Solteiro
E6	Nova York (EUA)	30 anos	Masculino	Solteiro
E7	São José dos Campos (Brasil)	24 anos	Feminino	Solteira
E8	Porto Alegre (Brasil)	32 anos	Masculino	Solteiro
E9	Barcelona (Espanha)	34 anos	Feminino	Solteira
E10	Aveiro (Portugal)	29 anos	Feminino	Solteira
E11	Brasília (Brasil)	50 anos	Feminino	Casada
E12	Sorocaba (Brasil)	49 anos	Masculino	Solteiro

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.2.2. Escolaridade

A respeito da escolaridade, a maioria dos entrevistados possui o Ensino Superior Completo, inclusive com pós-graduação, mestrado ou doutorado (em curso ou concluído). Mais de 70% trabalha em home office, mas alguns preferem ter um espaço laboral onde haja interação real com pessoas, seja em coworking ou, caso haja necessidade (e possibilidade), na própria empresa, como uma base. “Sempre priorizo o *home office*. Só quando a internet da casa é ruim ou precisamos fazer algum tipo de transmissão ao vivo é que uso coworking (E2). Além da predileção por home office, alguns entrevistados fazem suas escolhas de hotelaria de acordo com a disponibilidade e qualidade da internet. “Quando estou na minha cidade, normalmente faço home office ou vou para a biblioteca ou alguma cafeteria. Mas, quando estou em outras cidades, normalmente trabalho no local onde me hospedo pois não me sinto segura para ficar andando com notebook por uma cidade que não conheço” (E3).

Tabela 2: Profissão e escolaridade dos entrevistados

Identificação	Profissão	Escolaridade	Modo de trabalho
E1	Mentora em liderança feminina e blogueira	Superior Incompleto	Home office

E2	Publicitário	Pós-graduado	Home office
E3	Publicitária	Superior Completo	Home office ou hotel
E4	Cineasta	Mestrando	Home office
E5	Publicitário	Superior Completo	Home office
E6	Jornalista	Mestrado Concluído	Home office
E7	Jornalista	Superior Completo	Home Office
E8	Advogado e Desenvolvedor de site de Comunicação	Mestrado Concluído	Home Office
E9	Publicitária	Doutoranda	Coworking
E10	Publicitária	Mestranda	Home Office
E11	Jornalista, Relações Públicas e empresária da Comunicação	Mestrado Concluído	Híbrido (home office e empresa)
E12	Publicitário e empresário da Comunicação	Pós-graduado	Híbrido (home office e empresa)

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.2.3. Escolaridade dos pais

A análise da dimensão familiar dos entrevistados revela que a maioria dos entrevistados são filhos de pessoas igualmente com o Ensino Superior Completo. Uma particularidade legitimada na pesquisa é que a escolaridade das mães dos entrevistados, quando não igual, é superior ao do pai. O que comprova os dados do IBGE divulgados em 7 de março de 2018, pela Agência Brasil de Notícias (<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior>, recuperado em 15 de setembro de 2021), que mostram que, mesmo com a escolaridade superior, mulheres continuam a ganhar menos no Brasil. “Tomando por base a população de 25 anos ou mais de idade com ensino superior completo em 2016, as mulheres somam 23,5%, e os homens, 20,7%”. Já as profissões variam bastante, mas somente um em Comunicação (*Marketing*). “Minha mãe é professora aposentada e tem pós-graduação. Meu pai é aposentado também na área financeira e é pós-graduado em marketing. Ele terminou o segundo grau do colégio e fez faculdade depois que eu já era formado. Um exemplo de determinação pra mim” (E2).

Tabela 3: Profissão e escolaridade dos pais

Identificação	Escolaridade dos Pais	Profissão dos Pais
E1	Mãe - Segundo grau completo Pai – Ensino técnico completo	Mãe – Vendedora ambulante Pai –Vendedor de tecidos
E2	Ambos – Pós-graduação completa	Mãe – Professora aposentada Pai – Funcionário de área financeira aposentado
E3	Ambos - Fundamental Completo	Mãe – Trabalhadora rural e faxineira Pai – Trabalhador rural
E4	Ambos - Superior Completo	Ambos - Advogados
E5	Ambos - Superior Completo	Ambos – Representantes comerciais
E6	Mãe – Superior Completo Pai – Fundamental Completo	Não disse
E7	Mãe – Pós-graduada Pai – Ensino Médio Completo	Mãe – Professora Pai - Comerciante
E8	Mãe – Doutorado Completo Pai – Superior Completo	Mãe – Psicóloga Pai - Médico
E9	Ambos - Superior Completo	Ambos - Bancários
E10	Mãe – Pós-graduada Pai – Fundamental Incompleto	Mãe – Professora aposentada Pai - Empresário
E11	Mãe – Superior Completo Pai – Ensino Médio Completo	Mãe – Professora Pai – Não disse
E12	Mãe – Superior Completo Pai – Segundo Grau Completo	Mãe – Professora Pai – Mecânico de automóveis

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.3. Nomadismo Digital: *lifestylsle*

A relevância do fenômeno que encontra adeptos no mundo todo, englobando países em desenvolvimento, se encontra em diversas dimensões, “uma vez que, assim como os antigos nômades os trabalhadores nômades de hoje são parte de um grande contexto tecnológico, socioeconômico e político” (Souza, 2020, p.37),

Por esse motivo é imprescindível entender as motivações e justificativas para viverem esse estilo de vida. Após entender o perfil dos autointitulados nômades digitais, a pesquisa buscar detalhar o estilo de vida e trabalho nômade.

As primeiras impressões epistemológicas aprofundam a discussão em relação aos conceitos relacionados ao tema, corroborando com a revisão de literatura e toda a produção científica.

6.3.1. O nomadismo para os nômades

A indefinição de um conceito exato sobre o nomadismo digital permite a flexibilidade inclusive de perfis dos nômades digitais. A diversidade conceitual trazida para e pela prática é um dos pontos mais interessantes da pesquisa. O ponto em comum entre os 12 entrevistados a respeito do conceito do nomadismo digital é a possibilidade de trabalhar de qualquer lugar do mundo. Independente se o profissional possui uma cidade “base”, essa liberdade geográfica permite que ele “carregue” o trabalho como se carregasse uma mala de viagens. “Moro onde quero e quando quero mudar de ares, simplesmente mudo. Por exemplo, queria passar uma temporada no Chile no inverno pra esquiar. Aluguei um Airbnb e passei três meses lá, com minha família. Queria passar um tempo na Colômbia, fui. Queria ir para os Estados Unidos, fui. Nunca minha empresa parou ou eu deixei de trabalhar. Posso trabalhar de onde quiser na hora que preferir” (E2).

Para a maioria dos entrevistados, a pandemia também foi uma grande aliada na intensificação do processo e afirmação do nomadismo digital, embora tenha trazido dificuldade e, na maior parte do tempo, a inviabilidade de viajar. “A pandemia acelerou isso, por fazer outras empresas (principalmente clientes) que é possível realizar toda a prestação de serviço de forma *on-line* e remota” (E12).

Como são de nacionalidade brasileira, todos os entrevistados ainda mantêm vínculo de trabalho com o país, mesmo os que moram no exterior. Alguns prestam serviços ou tem clientes em empresas localizadas em outros países, a maioria deles, na Europa, EUA e América do Sul.

A análise dos dados revelou que uma minoria entre os nômades digitais trabalham com vínculo empregatício, o que pode suscitar uma certa instabilidade financeira, ampliada pelo sentimento de insegurança profissional. Como verificado na revisão de literatura, em diferentes contextos e níveis, todos eles são empreendedores, trabalhadores autônomos e/ou *freelancers*. Mesmo sem vínculo empregatício, entre os 12

entrevistados, não houve casos de demonstração dos profissionais trabalharem sem contrato, justamente por ser a maneira exequível e inescusável de manter uma relação de segurança no mercado de trabalho.

Outro ponto interessante a se observar na análise dos dados é o fato de pelo menos dois dos 12 entrevistados são fundadores de grandes empresas de comunicação (E11 e E12), com sede no Brasil. E, além de eles mesmos trabalharem de forma remota, parte da equipe também pode ser considerada como nômade digital, de acordo com as definições do conceito determinadas nesta pesquisa. “Tenho clientes em todo o Brasil e já tive equipe distribuída não só pelo Brasil (São Paulo e Brasília), mas também nos EUA (Washington, Miami e Nova York) e na Itália” (E11). Diante isso, ao longo da análise, nos tópicos que se seguem, é possível observar ainda, dados do nomadismo digital sob a perspectiva do empregados/contratante.

Tabela 4: O conceito de Nomadismo Digital para os nômades digitais.

Identificação	Se considera nômade digital? Por que?	Quais países tem vínculo de trabalho? Qual tipo de vínculo?
E1	Sim. Porque o meu trabalho pode ser realizado de qualquer lugar do mundo, me possibilitando a mobilidade necessária para conhecer novas culturas, sem que isso impacte meu resultado financeiro.	Sou empreendedora e tenho clientes no Brasil, Argentina, Colômbia, México, EUA, Irlanda, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Filipinas e Índia.
E2	Sim. Porque não existe diferença entre férias e rotina pra mim. Moro onde quero e quando quero mudar de ares, simplesmente mudo. Por exemplo, queria passar uma temporada no Chile no inverno pra esquiar. Aluguei um <i>Airbnb</i> e passei três meses lá, com minha família. Queria passar um tempo na Colômbia, fui. Queria ir para os Estados Unidos, fui. Nunca minha empresa parou ou eu deixei de trabalhar. Posso	Hoje meus principais projetos são no Brasil, mas tenho clientes nas mais diferentes partes do mundo, pois faço vendas pela internet e presto consultoria pra uma agência de Londres.

	trabalhar de onde quiser na hora que preferir.	
E3	Sim. Pois tenho um trabalho que me dá liberdade geográfica e aproveito isso sempre que posso.	Todas as empresas que já atendi são do Brasil. Trabalho como prestadora de serviço, sem vínculo empregatício.
E4	Sim. Desde a sua criação, a minha produtora não se enquadra no formato tradicional. Atualmente segue o trabalho remoto e no formato do home office. Conseguimos, mesmo com diversos colaboradores, trabalhando no mesmo formato, desenvolver projetos audiovisuais e até mesmo coproduções com empresas tradicionais do ramo cinematográfico e televisivo.	Brasil e EUA. Trabalho com contrato.
E5	Sim, porque hoje consigo exercer meu trabalho de qualquer lugar	Trabalho para o Brasil apenas, como autônomo.
E6	Sim. Desde o início da pandemia trabalho remotamente e, antes disso, já morei em dois países, em cidades diferentes (Brasil e EUA)	Sou um dos diretores da Abraji e da Fiquem Sabendo no Brasil, tenho emprego fixo na OCCRP (Organized Crime and Corruption and Reporting Project) e, durante sete meses, fui pesquisador-visitante na Universidade de Oxford. Todos os trabalhos são como pessoa jurídica.
E7	Em partes. Acredito que não estivesse em uma pandemia, seria mais fácil me considerar uma nômade digital por completo, pela dificuldade de poder viajar no momento.	Trabalho apenas no Brasil e como MEI (Microempreendedor Individual)
E8	Ao menos parcialmente. Tenho liberdade para prestar serviços para qualquer lugar do país, conquanto, neste momento, esteja no Brasil.	Somente no Brasil, com contrato de prestador de serviço.
E9	Sim. Porque, mesmo mudando de país, continuo com meu trabalho de produtora de conteúdo para redes sociais.	Trabalho para todo o Brasil, na área de Comunicação (tenho uma pequena empresa aberta). Na Espanha, trabalho para uma

		cooperativa de terapeutas, além de trabalhar como <i>freelancer</i>
E10	Sim. Pelo fato de utilizar a tecnologia (no caso um computador ligado à internet, para trabalhar a partir de qualquer local.	Portugal e Brasil. Sem vínculo empregatício. Os trabalhos são realizados na modalidade <i>freelancer</i> .
E11	Parcialmente, porque preciso (e prefiro, em alguns casos) estar presente na sede da empresa em determinados momentos. Apesar da pandemia ter adiantado algumas questões, minha experiência com trabalho remoto é anterior. Trabalhei de 2009 a 2019 com uma empresa internacional que, entre os projetos, foi responsável pela divulgação do “Brasil no Exterior”.	Tenho clientes em todo o Brasil e já tive equipe distribuída não só pelo Brasil (São Paulo e Brasília), mas também nos EUA (Washington, Miami e Nova York) e na Itália.
E12	Sim. Porque consigo trabalhar de qualquer localização. A pandemia acelerou isso, por fazer outras empresas (principalmente clientes) que é possível realizar toda a prestação de serviço de forma <i>on-line</i> e remota.	Tenho clientes nos EUA, Argentina e Chile, além do Brasil.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.4. Relação com o trabalho

Para entender a influência do trabalho no projeto de vida dos nômades digitais, a partir das práticas intermediadas pela tecnologia e pela mobilidade, o ponto central das primeiras questões a respeito da atuação profissional dos entrevistados é justamente a relação entre o trabalho remoto e o que consideram como maior facilidade e dificuldade deste estilo de vida.

O diagnóstico deste subcapítulo mostra que as facilidades encontradas caminham simultaneamente às próprias motivações deste estilo de vida: a liberdade em relação ao espaço geográfico e a flexibilidade de horários. A qualidade de vida e maior investimento

de tempo na vida pessoal também foi um dos pontos destacados. “A flexibilidade e a qualidade de vida são os pontos fortes de ser nômade digital” (E9).

As ferramentas desenvolvidas pelas TICs também tornaram mais ágil o dia a dia profissional. “Além de poder trabalhar de qualquer lugar, a maior facilidade para mim é a otimização do meu tempo. Não que eu trabalhe menos, mas agora trabalho melhor. Antes, quando trabalhava 100% presencialmente, eu fazia duas reuniões por dia no máximo. Hoje posso fazer até oito, nove reuniões de forma remota, onde quer que eu esteja” (E12).

Entre os pontos de maiores dificuldades, manter o planejamento e a disciplina é ponto comum entre praticamente todos os entrevistados. A dificuldade para se desconectar do trabalho também é um fator de complicação. “Parece que preciso estar online toda hora. No presencial, parece que quando eu saio do lugar onde trabalho, o trabalho fica lá. Como nômade, sinto que o trabalho está comigo 24h por dia, sete dias por semana. É mais difícil de se desligar!” (E7).

O dia a dia solitário e a dificuldade de se estabelecer vínculos presenciais permanentes e estáveis demonstra que o estilo de vida exige mais inteligência emocional do que aparenta. “Acho que a maior dificuldade pode ser sentir que está sozinho, seja para trabalhar ou para fazer as viagens que quer. Nem sempre temos com quem compartilhar as coisas da forma como queríamos” (E3).

Tabela 5: Os nômades digitais e as percepções do trabalho remoto.

Identificação	O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?	O que considera como a maior dificuldade?
E1	Com certeza a liberdade de poder estar em qualquer lugar e ter contato com pessoas de diferentes culturas.	Manter o planejamento e a disciplina que o trabalho remoto exige.
E2	Poder continuar ganhando dinheiro independente de onde eu for. Assim, se eu gostar de um lugar, posso aumentar minha estadia sem dor de cabeça, sem ter que voltar.	É difícil desligar. Desconectar. Às vezes preciso me forçar a ir para um lugar sem conexão para me desligar um pouco do trabalho.
E3	Por mais estranho que possa parecer, acho que ao trabalhar	Hoje já superei, mas para quem está começando acho que a maior

	nesse contexto as pessoas acabam sendo mais responsáveis e entregando mais. Acho que esse modelo elimina muita coisa que é desnecessária no formato presencial, o que deixa as coisas mais fáceis.	dificuldade pode ser sentir que está sozinho, seja para trabalhar ou para fazer as viagens que quer. Nem sempre temos com quem compartilhar as coisas da forma como queríamos.
E4	Autonomia e responsabilidade.	Ter credibilidade para os clientes e até mesmo pessoas próximas entender que é um trabalho e não um hooby.
E5	A flexibilidade	As maiores dificuldades para mim estão relacionadas à questão técnica, como wi-fi de qualidade.
E6	Possibilidade de conciliar diferentes trabalhos, ganhar mais e ter mais tempo para a vida pessoal.	Falta de conversa/circulação de ideias com outras pessoas no corredor, encontros informais.
E7	A facilidade de conseguir resolver problemas a qualquer momento, pois, em tese, consigo ter maior controle do meu tempo de trabalho, por exemplo, adiantar algumas horas de trabalho para poder resolver algum problema pela tarde.	Parece que preciso estar online toda hora. No presencial, parece que quando eu saio do lugar onde trabalho, o trabalho fica lá. Como nômade, sinto que o trabalho está comigo 24h por dia, sete dias por semana. É mais difícil de se desligar!
E8	Possibilidade de trabalhar/viver em qualquer lugar.	Estabelecer vínculos presenciais mais permanentes e estáveis
E9	A liberdade de viajar pelo mundo e não deixar o trabalho de lado. Já passei longas temporadas em Londres, por exemplo, com a possibilidade de estudar outra língua e ainda disfrutar da cidade, além de seguir a trabalhar nos horários que eram convenientes para mim. Quando passei uma temporada na Índia acontecia o mesmo, a flexibilidade e a qualidade de vida são os pontos fortes de ser nômade digital.	Os fusos horários são uma grande dificuldade. Conseguir adaptar-se a uma rotina diferente e estar atenta à diferença de horários entre os países, encontrar lugares adequados e tranquilos para poder realizar o trabalho são pontos mais complicados. Além disso, é difícil conseguir não se distrair muito, é muito fácil perder o foco quando se está em contextos diferenciados
E10	A liberdade em relação ao espaço geográfico e a melhor flexibilidade de horários.	A instabilidade financeira, sobretudo em momentos de crise econômica.

E11	Sem dúvida, a possibilidade de me comunicar e resolver os problemas em localidades diferentes é uma grande facilidade. A evolução das ferramentas ajudou muito, também considero como um ponto positivo. O <i>WhatsApp</i> é recente, surgiu já no meio do caminho dessa minha trajetória. Desde o início, a grande facilidade era usar telefone com <i>hub</i> de teleconferência, assim como o e-mail. Outras ferramentas que apareceram na pandemia, como os aplicativos de reuniões por vídeo, popularizaram o estilo de vida, facilitando muito a forma de trabalhar.	A falta da convivência pessoal com os colegas e clientes é um ponto negativo. A sinergia da convivência não tem como ser substituída. Com a internet, o processo todo acaba sendo muito impessoal, é preciso muito mais energia para entregar um bom trabalho e conseguir fazer com que a equipe mantenha o foco.
E12	Além de poder trabalhar de qualquer lugar, a maior facilidade para mim é a otimização do meu tempo. Não que eu trabalhe menos, mas agora trabalho melhor. Antes, quando trabalhava 100% presencialmente, eu fazia duas reuniões por dia no máximo. Hoje posso fazer até oito, nove reuniões de forma remota, onde quer que eu esteja.	Não conseguir me desconectar.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.4.1. Os efeitos do nomadismo digital na produção e propagação da informação

A pergunta de partida, que constitui o fio condutor da pesquisa e um filtro para a recolha de dados (Quivy & Campenhoudt, 1998: 31-46; cit. Terra, 2008) e orienta a pesquisa (“Quais os efeitos desse modelo de trabalho para a produção e propagação da informação?”) começa a se evidenciar, devido às operações técnicas de recolha de dados, que ajudam a tomar consciência de todos os aspectos da pesquisa.

Diante dela, os entrevistados se dividiram sobre considerar ou não possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente. Cinquenta por cento deles consideram que a distância não provoca ruído na comunicação, de forma geral.

A outra metade pondera que a troca presencial de informação, de forma direta, não tem como ser substituída. “Nada supera a proximidade e a oportunidade da leitura corporal para uma comunicação mais efetiva. Contudo, a pandemia nos vem ensinando que a tecnologia pode contribuir de muitas formas. Eu penso que precisamos partir do princípio que uma boa comunicação se dá quando há interesse legítimo e responsabilidade de quem é o portador da informação, para que ela chegue da melhor maneira à outra pessoa, esteja ela presencial ou *on-line*” (E1).

Tabela 6: Os efeitos da mobilidade na produção e propagação da informação.

Identificação	Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?
E1	Nada supera a proximidade e a oportunidade da leitura corporal para uma comunicação mais efetiva. Contudo, a pandemia nos vem ensinando que a tecnologia pode contribuir de muitas formas. Eu penso que precisamos partir do princípio que uma boa comunicação se dá quando há interesse legítimo e responsabilidade de quem é o portador da informação, para que ela chegue da melhor maneira à outra pessoa, esteja ela presencial ou <i>on-line</i> .
E2	Sim. Minha empresa funciona desde 2014 - 100% remota
E3	Sim, considero. Trabalho atendendo duas agências (falo com as equipes várias vezes na semana), além de outros clientes, e a comunicação sempre aconteceu muito bem. Vez ou outra surge algum problema, mas, quando existe uma boa organização e tudo documentado, as coisas se resolvem rápido.
E4	Não, Pela a minha experiência de 11 anos de trabalho remoto, acredito que o conceito híbrido seria o mais compatível para diversos os setores, inclusive o meu, das Indústrias Criativas.
E5	Profissionais, sim.
E6	Não sei se podemos concluir isso ainda, mas acredito que a maioria dos problemas é possível, sim, resolver à distância.
E7	Com certeza, não. Muita informação é perdida no meio do caminho mesmo que as conversas sejam por meio de vídeo chamadas. Como jornalista, acredito que o nosso trabalho melhora muito quando encontramos pessoalmente a fonte ou até mesmo um amigo no caminho e compartilhamos as nossas ideias, as nossas pautas. No virtual, sinto que perdemos esses pequenos momentos que fazem total diferença. Mas também não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que o presencial é a solução para todos os nossos problemas de comunicação.

E8	Infelizmente, não. Muitos processos e dinâmicas interpessoais exigem a presença física simultânea das pessoas no mesmo espaço, pois nem toda comunicação é estritamente falada.
E9	Sim, considero.
E10	Sim.
E11	Cerca de 90% realmente é possível, mas não todos eles. É possível, mas talvez não seja desejável.
E12	Totalmente, não. Tivemos uma discussão interna esse mês na empresa. No caso de uma agência de publicidade, é importante a troca presencial. Uma campanha publicitária não sai de uma pessoa só e nós percebemos que o processo flui melhor quando há troca de ideias presencialmente. A própria conexão da equipe é diferente, tem que ter uma sinergia. Quando é totalmente remoto, acho que o processo fica prejudicado.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.4.2. Brasil vs Exterior: as preferências de localização

De acordo com R. Matos (2016), o teórico Perret (2013) refere a presença de diversas barreiras relacionadas ao *lifestyle* do nomadismo digital. Entre elas estão as barreiras políticas atinentes às restrições de vistos, de migração e ao desenvolvimento regional; as barreiras relacionadas ao trabalho e ao salário, como pobreza, incerteza de trabalho, qualificações exigidas e desemprego; e as barreiras relacionadas à cultura consistentes nas atitudes de migração e aos laços familiares.

Por esses motivos, foi considerado uma investigação acerca dessas questões aos nômades digitais entrevistados, que questiona sobre as facilidades (ou dificuldades) burocráticas, e as políticas migratórias de países, bem como das motivações, justificações e práticas destes indivíduos.

A maioria dos entrevistados que moram no exterior não encontram uma situação burocrática mais complexa que a existente no Brasil, porém se encontram em uma condição de privilégio social. Cenário constatado pois nenhum deles possui visto de trabalho próprio para trabalhar em outros países. O que os permite fazê-lo é um contexto de permissão trazida por uma dupla nacionalidade, visto de estudante ou visto de acompanhamento familiar – exceto o E5, que, quando morou no Chile, permaneceu no país como turista, pelas facilidades oriundas do Mercosul.

Os entrevistados que permanecem no Brasil o fazem principalmente por questões familiares, mas a maioria (exceto o E8) revelou desejo em morar no exterior. Um deles, ainda, consegue encontrar uma alternativa flexível sobre o tema: “Eu tenho vontade de morar no exterior, mas minha esposa não consegue ficar muito tempo longe da família, por isso nossa base é aqui e procuramos passar pelo menos 3 meses por ano em outros lugares. Assim a gente alterna entre a família e a vontade de conhecer o mundo (E2).

Tabela 7: Exterior vs Brasil.

Identificação	Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho?	Para quem mora no exterior: Sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?	Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?
E1	Aqui nas Filipinas, a burocracia consegue ser ainda pior que no Brasil.	A minha documentação foi possível pois meu marido tem visto de trabalho. Eu, como esposa, não tenho autorização oficial para trabalhar aqui. Isso aconteceria apenas se uma empresa estivesse interessada em comprar o meu visto.	Moro nas Filipinas
E2	Moro no Brasil	Moro no Brasil	Por causa da família. Eu tenho vontade de morar no exterior, mas minha esposa não consegue ficar muito tempo longe da família, por isso nossa base é aqui e procuramos passar pelo menos 3 meses por ano em outros lugares. Assim a gente alterna entre a família

			e a vontade de conhecer o mundo.
E3	Moro no Brasil.	Moro no Brasil.	Brasil é lindo, é barato (comparado a muitos outros países), tem muitos locais pensados para quem trabalha remotamente, e tem muita coisa que quero conhecer por aqui ainda. Mas claro: passar umas semanas na Itália, por exemplo, está nos planos. Existem alguns países na lista, mas às vezes, o custo da viagem desanima, isso sem falar de toda essa questão da pandemia, que não sabemos quando realmente será 100% resolvida.
E4	Atualmente moro no Brasil, mas já morei em Portugal e acredito que cada vez esteja mais acessível.	No meu caso, consegui estabelecer trabalho remoto por ter empresas sediada em ambos países (Brasil e Portugal). Isso facilitou bastante a questão burocrática, além de possuir dupla cidadania (brasileira e portuguesa).	Acredito que o Brasil seja um país muito forte e com suas potencialidades e, como tudo, tem seus prós e contras. Tenho desenvolvido um formato de trabalho que eu possa prestar serviços para diversos países.
E5	Não moro no exterior, mas fiquei um tempo no Chile (mas com clientes do Brasil). Não tive muito problemas, por se tratar de um país do Mercosul.	Quando morei no Chile, entrei no país como turista.	Voltei ao Brasil somente por conta da pandemia.
E6	Não sei dizer porque estou em	Outro motivo	Fiquei alguns meses em home office no

	situações específicas com visto de estudante (EUA) e de visiting scholar (Reino Unido), então não paguei impostos. Foi tudo resolvido pelas universidades.	(estudo/visiting scholar)	Brasil, mas logo saí. Eu tenho interesse em voltar para o Brasil quando concluir os estudos. Acredito que tenho muito a contribuir com o meu país no meu trabalho.
E7	Moro no Brasil	Moro no Brasil	Tenho intenção de estudar no exterior, fazer uma especialização por um tempo determinado.
E8	Moro no Brasil	Moro no Brasil	Permaneço próximo aos meus familiares. Ainda não tenho interesses em sair do país.
E9	Na Espanha há muita burocracia, assim como no Brasil. Por isso, aqui decidi entrar num projeto de cooperativa, para dividir custos e compartilhar também a parte burocrática. Para continuar com os serviços no Brasil, deixei minha empresa ativa. A parte financeira do processo também é muito complicada. Os países não facilitam em nada os trâmites bancários, e inclusive, cobram muitos impostos. O mais complicado é o imposto de	Eu tenho dupla nacionalidade, por causa da família, então nunca encontrei dificuldades em relação a vistos e documentações.	Moro na Espanha.

	renda, independente do país.		
E10	Sim, há facilidades, não considero burocrático em Portugal.	Por outro motivo (estudos).	Moro em Portugal
E11	Moro no Brasil	Moro no Brasil	Gostaria de sair do país sim, mas permaneço por questões familiares.
E12	Moro no Brasil	Moro no Brasil	Tenho planos para trabalhar no exterior, mas estou esperando um momento mais favorável.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.4.3. Equipamentos e tecnologias

De acordo com o contexto visitado até agora, o nomadismo digital se resume ao símbolo de um novo *lifestyle* no qual as pessoas são livres de constrangimentos de tempo e de localização, graças ao progresso dos equipamentos móveis inteligentes e das velozes redes de comunicação (Makimoto, 2013, p.41)

Para Souza (2020), o estudo de Makimoto (2013) releva mudanças ocorridas nas últimas décadas em relação ao estilo de vida tradicional para o estilo nômade. “O autor refere que com os avanços tecnológicos dos últimos anos, por exemplo com os recursos dos modernos equipamentos pessoais móveis e inteligentes, tais como *smartphones*, *mobile PCs*, *tablets PCs*, grande parte de nós, de um modo ou de outro, aproveita do que ele chama de “*nomadic lifestyle*” (Souza, 2020 cit: Makimoto, 2013: p.41).

O relatório UNCTAD (2010) atribui a disposição do trabalho com comunicação ao acesso a recursos e habilidades na área de computação, uma vez que muitas novas aplicações digitais requerem conhecimento e acesso a recursos e habilidades na área de computação. “Com uma câmara de vídeo e um software de edição comum, um filme simples pode ser produzido em casa, e o mesmo se aplica à maioria dos formatos digitais” (UNCTAD 2010, p11).

O relato dos entrevistados comprova a importância de habilidades tecnológicas para manusear computador e os *softwares* que são suas ferramentas de trabalho, e também a necessidade primordialidade não só de equipamentos, mas de estrutura tecnológica adequada e de qualidade superior (como internet de alta velocidade) para a mobilidade do seu estilo de vida. Nesse sentido, os nômades digitais que estão no exterior apresentaram menos queixas que os que permanecem no Brasil. “Mesmo vivendo numa capital (Porto Alegre), tenho problemas com instabilidade de conexão” (E8). O investimento em produtos e serviço de qualidade são fundamentais.

Em relação aos equipamentos, basicamente todos os entrevistados responderam da mesma forma: computador e celular. Alguns fazem uso de acessórios, como equipamentos para produção de vídeos, pacotes de *softwares* e as luminárias *ring light*, para uma boa iluminação em vídeos e conferências

Tabela 8: Tecnologias e equipamentos necessários para o nômade digital.

Identificação	O acesso à internet onde trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?	Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?
E1	Aqui nas Filipinas, a qualidade da internet pode ser bem ruim em várias ilhas. Em Cebu, na ilha onde estou atualmente, conseguimos boa conexão. No geral, sempre escolho viajar para lugares onde eu consiga bom sinal de internet, mas é óbvio que acontecem imprevistos. Os planos de internet são bem simples de comprar.	Boa conexão de internet, computador, celular e <i>ring light</i> .
E2	Normalmente não. Sempre tem um coworking que tem uma boa internet pra gente trabalhar quando precisa. No Brasil, uso bastante também a internet móvel. Quando viajamos de carro por todo o Brasil, saindo de Recife até Buenos Aires, usei praticamente só o 4G móvel e foi tranquilo. Até mesmo na América do Sul. Meu plano cobre todos os países.	Um computador com conexão à internet e um celular com câmera boa.
E3	Não tenho muito do que reclamar. Das experiências que tive, internet nunca foi problema.	<i>Notebook</i> e celular (conectados à internet)

E4	Sim, as vezes que tenho alguns problemas.	Depende, mas geralmente é um <i>desktop</i> e um <i>notebook</i> , além de alguns equipamentos que utilizo para gravação. O que não consigo atender com equipamento próprio, alugo os equipamentos de parceiros nos locais onde me encontro, como por exemplo, outras produtoras com espaço físico.
E5	Internet de qualidade não é fácil de encontrar. Para nós, brasileiros, a internet é ruim, mas em países como Argentina e Chile encontrei ainda mais dificuldade com internet de qualidade	Computador (<i>notebook</i>) e internet.
E6	Não, nos EUA é bem simples, na verdade.	Computador e celular (com boa internet).
E7	O acesso à internet no Brasil é facilitado para alguns. No meu caso, não tenho problemas.	Computador e celular.
E8	Mesmo vivendo numa capital, tenho problemas com instabilidade de conexão.	Computador e celular.
E9	Barcelona é uma cidade totalmente tecnológica, inclusive com internet gratuita nas ruas. O planos residenciais também são ótimos, com internet rápida e fácil de instalar. Em Londres e na Índia também não tive nenhum problema em acesso a internet. Os serviços são baratos e, com um chip de qualquer operadora no celular, é possível ter acesso ilimitado com boa velocidade e cobertura.	Computador e celular.
E10	Sim, é facilitado. Não há dificuldades.	Um computador ligado a internet e aquisição da assinatura do <i>Adobe Photoshop</i> .
E11	Apesar do acesso facilitado sempre tive várias dificuldades com a qualidade das tecnologias de comunicação no Brasil, desde a época em que fazíamos conferência por telefone, sempre	Computador, celular, <i>ring light</i> , internet de alta velocidade e suporte de celular.

	sempre tivemos dificuldades. Com a evolução melhorou, mas até hoje hoje trava. Acho que precisa melhorar ainda mais.	
E12	Não tenho dificuldade nem no Brasil nem no exterior	Celular, <i>notebook</i> , fone de ouvido, internet de alta velocidade.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.5. Aspectos Econômicos

Um dos principais – e mais desafiante – pilares da pesquisa é entender, de forma aplicada, os fatores econômicos fundamentais que norteiam os nômades digitais da área de Comunicação. Esse recorte atua como um sustentáculo para a percepção da influência do tema nas múltiplas áreas que envolvem a pesquisa.

Posto isso, é devido investigar a idade de inserção no mercado de trabalho e os motivos da saída da casa dos pais.

6.5.1. Inserção no mercado de trabalho

A pesquisa revela que a maioria dos nômades digitais entrevistados começou a trabalhar já na maioridade. Apenas quatro deles tiveram a experiência do primeiro emprego antes dos 18 anos, como a E1, que destacou que desde muito nova ajudava mãe nas vendas (era vendedora ambulante), mas o primeiro trabalho com salário foi aos 16 anos, quando trabalhou como recepcionista no consultório de uma psicóloga – área divergente com que trabalha atualmente.

A análise dos perfis mostra que os investigados saíram cedo da casa dos pais. A maioria, antes dos 24 anos, para trabalhar ou cursar o ensino universitário. Alguns saíram por volta dos 30 anos, por questões financeiras e pessoais. E, somente uma pessoa considera a casa dos pais como “base” entre uma viagem e outra. “Nunca sai da casa dos meus pais oficialmente. Lá é a minha ‘base’. Se eu for comprar ou alugar uma casa agora, ficaria sem recursos financeiros para viajar e permanecer no meu estilo de vida móvel” (E2)

Tabela 9: Inserção no mercado de trabalho

Identificação	Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?	Com qual idade entrou no mercado de trabalho?
---------------	---	---

E1	Saí da casa dos meus pais aos 17 anos, pois os nossos estilos de vida eram incompatíveis e isso estava me atrapalhando. Eles gostavam de farra regada a bebida e cigarro, que sempre resultava em confusão. Eu queria estudar, trabalhar, ganhar dinheiro e conhecer o mundo.	Desde muito nova ajudava a minha mãe nas vendas, mas o meu primeiro trabalho com salário foi aos 16 anos, quando trabalhei como recepcionista no consultório de uma psicóloga.
E2	Sai com 24 porque fiquei noivo e minha namorada na época morava sozinha e ia parar de dividir a casa com as amigas.	16 anos
E3	Nunca sai da casa dos meus pais oficialmente. Lá é a minha “base”. Se eu for comprar ou alugar uma casa agora, ficaria sem recursos financeiros para viajar e permanecer no meu estilo de vida móvel.	16 anos
E4	Aos 20 anos. Motivo de trabalho.	17 anos
E5	Saí aos 27 anos, ter mais liberdade e espaço	19 anos
E6	Saí aos 21 anos, para estudar e trabalhar em São Paulo (sou de Sorocaba, interior).	18 anos
E7	Saí da casa dos meus pais aos 20 anos para fazer faculdade	24 anos
E8	18 anos. Estudos.	20 anos, como estagiário
E9	Sai aos 27 anos para vir morar trabalhar e estudar na Espanha	18 anos
E10	Saí da casa de meus pais aos 16 anos para estudar em um colégio que era em outra cidade.	19 anos
E11	23, por casamento	18 anos
E12	30 anos, quando me estabilizei financeiramente	19 anos

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.5.2. A escolha pelo nomadismo digital

O nomadismo digital representa traz a reflexão a respeito de antigos desafios na relação entre os projetos de vida e de trabalho de uma pessoa (Oliveira, 2019). Apesar da confirmação da significativa recorrência sobre busca por liberdade no discurso dos

nômades digitais entrevistados, esta não foi a única motivação que revelou-se na análise. Existem outros fatores de grande importância para a justificativa dos nômades digitais da Comunicação viverem esse estilo de vida. Entre elas, crise financeira; redução de custos do trabalho presencial; qualidade de vida; e, evidentemente, gostar de viajar. Curiosamente, essa última característica não se apresentou como maioria, contradizendo parte da literatura acadêmica e não acadêmica sobre o conceito e o perfil do nômade digital. Diante das exposições, em comum nos relatos está a referência na maior flexibilidade da rotina de trabalho, situação que, em muitos casos, foi uma oportunidade apresentada aos profissionais, pelas próprias mudanças que envolvem o setor de Comunicação, como percebido no capítulo 3. A pandemia também foi um fator resolutivo, visto que acelerou o processo de muitos profissionais que estavam migrando de modo de trabalho. “Atualmente, a empresa onde trabalho não possui uma sede fixa, por ser uma organização que já nasceu em trabalho remoto. Além disso, em um outro emprego que estou atualmente, as atividades estão de forma remota por causa da pandemia” (E7).

Antes do trabalho remoto do nomadismo digital, a maioria dos investigados já trabalhavam nas áreas de atuação em que se encontram atualmente, como nômades digitais. Apenas um entrevistado mudou completamente de perspectiva (E2) e, de servidor público concursado, tornou-se um publicitário nômade digital.

Tabela 10: A escolha pelo nomadismo digital

Identificação	O que fazia antes do trabalho remoto?	Por que decidiu trabalhar remotamente?
E1	Tinha uma escola de desenvolvimento pessoal em Itu, onde dávamos treinamentos para equipes de empresas locais. Além de palestras e cursos presenciais e online.	Em 2015, vivemos uma crise muito forte nos negócios o que nos motivou a partir para o online, a fim de reduzir custos e alcançar mais pessoas. A partir daí, percebi que poderia desenvolver um produto próprio que me desse mobilidade e rentabilidade ao mesmo tempo, comecei a estudar marketing digital e em 2017, lancei meu primeiro grupo de mentoria online. Ao sair do Brasil em 2019, validei o projeto e

		desde então trabalho exclusivamente online.
E2	Eu era servidor público concursado.	Para ter liberdade.
E3	Cuidava do marketing de uma empresa de cosméticos.	Quando saí da empresa de cosméticos comecei a estudar sobre marketing de conteúdo e ir em busca de clientes. Comecei a prestar meus serviços como redatora sem nem me tocar de que poderia fazer isso de onde quisesse, até que fui descobrindo outras pessoas que trabalham assim e percebi de que me enquadrava no chamado “nomadismo digital”. Decidi que era isso que eu queria para a minha vida, principalmente por que me desanimava me imaginar “presa” a uma empresa de novo, tendo só os finais de semana livres para resolver minhas coisas e fazer tudo o que quero.
E4	Sempre trabalhei em produtora audiovisual e canal televisivo com formato tradicional.	Pelo o fato de ter mais autonomia e um custo financeiro mais baixo.
E5	Trabalhava em agência de publicidade: mídia digital e Business intelligence	Conhecer novos lugares, liberdade geográfica
E6	Repórter em diversos veículos (CNN Brasil, Estadão, Globo)	Inicialmente, por obrigação relacionada à pandemia do coronavírus. Depois, porque mudei de emprego e o trabalho é 100% remoto.
E7	Trabalhei presencialmente em uma rádio universitária (Rádio Unesp FM) e trabalhei também de forma remota no Movimento Empresa Júnior	Atualmente, a empresa onde trabalho não possui uma sede fixa, por ser uma organização que já nasceu em trabalho remoto. Além disso, em um outro emprego que estou atualmente, as atividades estão de forma remota por causa da pandemia.
E8	Trabalhava presencialmente.	Não foi uma decisão formal. A oportunidade se apresentou.

E9	Trabalhava no departamento de marketing de empresas de forma presencial.	Pela decisão de mudar de país e para melhorar minha qualidade de vida
E10	Trabalhava em uma agência de comunicação e marketing.	Pelos lucros financeiros, que são maiores; pela liberdade de não ter que me deslocar todos os dias para o trabalho em um escritório, pela melhor flexibilidade de horários; pela independência de não ter que se submeter a uma empresa, trabalhando por conta própria posso desenvolver as minhas ideias e levá-las diretamente a cada cliente, dependendo apenas da aprovação deles.
E11	Era jornalista de redação e, depois, trabalhei em uma assessoria de imprensa de forma presencial	Tive que trabalhar dessa forma desde 2009, pois atendia pessoas de diversos países. Além disso, a pandemia impôs essa realidade de vez.
E12	Trabalhava presencialmente na agência de publicidade e propaganda	Gosto de viajar e já trabalhava de forma híbrida. A pandemia acelerou o processo.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.5.3. Questões laborais

A instabilidade e a incerteza do trabalho permeiam uma preocupação constante na vida de muitos nômades digitais, verificadas a partir de seu discurso e aparece mencionada também pela literatura acadêmica (Souza, 2020, *cit.* Borg & Söderlund, 2015). A análise dos profissionais investigados indica que essa instabilidade reflete no dia a dia do trabalho. Parte deles não consegue se manter financeiramente apenas com uma função e acaba por prestar serviços a mais de uma empresa, e até mesmo possui outra fonte de renda, como aluguel de imóveis e outros empreendimentos que não são da área de Comunicação.

Apesar da motivação pelo nomadismo digital ter em comum a flexibilidade e qualidade de vida, a pesquisa revelou que os nômades digitais não trabalham poucas horas por dia como se imagina no discurso. Poucos são os que ocupam-se das suas funções menos que seis horas diárias. Há ainda quem se dedique de 10 a 12 horas por dia, com um agravante: a resistência em se desconectar do trabalho já revelada anteriormente,

somada à dificuldade de manter o foco e disciplina necessários, principalmente para o estilo de vida. “Como trabalho em casa, não raro algo me dispersa e, essa dispersão pode facilmente se transformar em procrastinação. Como empreendedora, sem salário fixo, se não me mantenho focada isso impacta diretamente no meu resultado. Penso que esse é um dos maiores desafios” (E1).

Tabela 11: Questões laborais.

Identificação	Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?	Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?	Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?
E1	Isso depende da demanda. Quando estou em lançamento de novas turmas, posso facilmente trabalhar 8 horas por dia. Em tempos normais, cerca de 4 horas.	Como sou empreendedora, a minha renda depende muito de quanto estou disposta a me dedicar à lançamentos e criação de novos produtos. Hoje me mantenho financeiramente exclusivamente com trabalho remoto.	Como trabalho em casa, não raro algo me dispersa e, essa dispersão pode facilmente se transformar em procrastinação. Como empreendedora, sem salário fixo, se não me mantenho focada isso impacta diretamente no meu resultado. Penso que esse é um dos maiores desafios.
E2	Em média 3 a 4 horas por dia	Sim, vivo desde 2014 exclusivamente da internet.	Não. Já virou rotina.
E4	Depende muito, mas normalmente trabalho de 4 a 6 horas por dia.	Consigo.	Algumas vezes, sim. Mas isso é coisa minha, não é “culpa” do formato de trabalho não.
E4	60 horas semanais em média.	Possuo outras fontes de renda.	Não
E5	40 horas pelo menos	Sim.	Não

E6	Neste momento eu diria que menos de 10 horas, pois estou estudando, mas no primeiro semestre eu diria que de 30 a 40 horas por semana.	Consigo	Um pouco, especialmente quando estava em lockdown.
E7	4 horas por dia na 'Fiquem Sabendo' e 8 horas no 'Estadão'	Não. Além do trabalho remoto, eu tenho um "frila" fixo.	Sim, muita.
E8	60 horas por semana.	Sim. Tenho vários vínculos de trabalho. Todos remotos.	Ocasionalmente, sim.
E9	Em média 4 dias por semana de 4 a 6 horas por dia.	Ainda não consigo. Tenho outras fontes de renda, como, por exemplo, um terreno alugado no Brasil.	Às vezes - principalmente se o lugar onde estou não tem privacidade ou se é um lugar que gosto muito. Tenho que me "forçar" a trabalhar. É preciso disciplina.
E10	Em média 5 horas por dia, mas depende da demanda de trabalho.	No momento possuo outras fontes de renda.	Não
E11	7 a 8 horas por dia.	Sim, totalmente.	Às vezes, sim. Para trabalhar remotamente tem que ser bastante disciplinado
E12	De 11 a 12 horas por dia	Sim, mas também possuo outras fontes de renda. Sou empresário do ramo de entretenimento (tenho uma casa de show de dois bares) e tenho uma transportadora. Consigo fazer a gestão de todos eles remotamente.	Sinto muito. Tenho TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade).

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.5.4. O trabalho e a mobilidade do nômade digital

A escolha dos destinos, em alguns casos, representa uma resolução de um estudo sobre as melhores oportunidades e possibilidades de cada localização. Facilidade de conexão de internet, hospedagem e atrativos naturais também foram citados. “Eu escolho locais que tem uma boa internet (+30Mb), fácil acesso via metrô (se tiver na cidade) ou bem localizado para não precisar pegar carro pra ir nos principais pontos turísticos que quero visitar (E2).

Mas, em muitos casos, os entrevistados revelaram que não há sempre uma predileção por alguma localização. A maioria deles aponta que é a oportunidade que se apresenta, seja por questões pessoais, de dupla nacionalidade ou de estudos. Em outras palavras: “não escolhi o lugar, o lugar que me escolhe” (E1). Em todos os casos, a possibilidade de conciliar o trabalho com o lazer e o turismo no local é uma verdade, embora a necessidade de ajustar a agenda para não deixar o trabalho de lado é indiscutível. “Com a agenda flexível, é simples transformar qualquer dia em férias, assim como é sedutora a ideia de trabalhar enquanto está no momento de lazer. Saber equilibrar isso é uma grande força para quem quer ser nômade digital” (E1).

Tabela 12: O trabalho e a mobilidade do nômade digital.

Identificação	Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?	Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?
E1	Não escolhi o lugar, o lugar que me escolheu. Vim para as Filipinas pelo trabalho do meu marido, como já disse.	Com a agenda flexível, é simples transformar qualquer dia em férias, assim como é sedutora a ideia de trabalhar enquanto está no momento de lazer. Saber equilibrar isso é uma grande força para quem quer ser nômade digital.
E2	Eu escolho locais que tem uma boa internet (+30Mb), fácil acesso via metrô (se tiver na cidade) ou bem localizado para não precisar pegar carro pra ir nos principais pontos turísticos que quero visitar.	Sempre

E3	Eu penso primeiro em qual lugar quero conhecer e a partir daí vejo as possibilidades de conciliar a viagem com o trabalho. Se vejo que está muito difícil encontrar uma hospedagem que me permita trabalhar tranquila, ou se vejo que tudo sairá mais caro do que quero pagar, planejo outro destino.	Sim, mesmo porque um nômade digital precisa entender que nomadismo não é sinônimo de turismo. Não há problema nenhum em deixar para “turistar” só aos finais de semana.
E4	Geralmente procuro um lugar fora dos grandes centros urbanos. Atualmente, resido em um local próximo a uma zona de praias, parques florestais e lagoas.	Turismo, muito pouco. Já o trabalho e lazer, sim.
E5	Quando tem mais demandas de trabalho procuro algum lugar que tenha wi-fi na estadia em cidade média para grande, caso a internet não funcione na estadia, tenho flexibilidade em procurar um café ou <i>coworking</i>	Sim, hoje em dia o trabalho tem exigido mais, mas normalmente consigo.
E6	De acordo com outras atividades que eu tiver de desempenhar naquele momento (ex: em Oxford foi por causa do <i>fellowship</i> que eu estava fazendo e aqui em Nova York, pelo mestrado).	Sim.
E7	Não tive a oportunidade ainda de experimentar escolher um trabalho de forma remota.	Consigo conciliar o trabalho com lazer muito pouco durante a semana.
E8	Não respondeu	Parcialmente
E9	Escolhi a Espanha por ter dupla nacionalidade (brasileira e espanhola).	Sim, super bem.
E10	Geralmente, trabalho a partir de casa, na modalidade home office. Contudo já houve períodos de tempo em que me deslocava para outras localidades, conseguindo conciliar o trabalho com o turismo, passando algumas semanas na praia, por exemplo.	Sim.

E11	Não escolho o local, a oportunidade que se apresenta.	Sim.
E12	Escolho o local que tenho interesse em conhecer. Tenho ido com mais frequência para a Europa, passar temporadas por lá. Sinto a troca de energia mais leve, o trabalho flui melhor.	Sim, muito.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

6.6. Perspectivas

A investigação realizada possui relevância a respeito do futuro tanto das formas de trabalho, como da educação e dos modos de ensino, “Uma vez que grande parte dos nômades digitais se reconhecem como autodidatas focados no aprendizado de novas habilidades que lhes permite viver um *lifestyle móvel*” (Souza, 2020).

Apesar de encontrar frequentes discussões sobre a não obrigatoriedade de diploma universitário para o trabalho remoto nos grupos de *Facebook*, a maior parte dos entrevistados por esta pesquisa demonstrou interesse em continuar estudando de maneira formal, no universo acadêmico. Mesmo porque, muitos deles encontraram no nomadismo digital uma saída para continuar a trabalhar enquanto completam a formação acadêmica em outros países. Há, ainda, uma outra grande parte que afirma nunca parar com os estudos, mesmo que em cursos livres, por não considerarem impreterível a formação acadêmica nesse modo de vida. “Estou sempre estudando. Nunca parei. Agora, se pretendo voltar ao estudo formal, não. Acho que a faculdade hoje não consegue acompanhar a velocidade das mudanças do mundo” (E2).

Apenas um dos entrevistados (E5) não deseja retomar os estudos em Comunicação, pelo motivo que pretende mudar de área e investir em Gastronomia.

Apesar de viverem de um estilo de vida *on-line*, a predileção para o ensino presencial ou até mesmo híbrido se sobressai ao ensino remoto, por considerarem a interação do presencial importante para a aprendizagem.

Sobre as perspectivas de trabalho, a maioria não pretende retomar o trabalho 100% presencial e se readaptar ao modelo de trabalho anterior, rígido, com horários definidos. “Acredito que não. Eu valorizo muito a liberdade de fazer escolhas sobre tudo o que

impacta a minha produtividade e qualidade de vida. Encontrei uma maneira de fazer o que amo, conhecer novas culturas e ganhar dinheiro com isso. Eu sou uma grande defensora do trabalho remoto e penso que precisamos criar estratégias inteligentes para tornar esta oportunidade acessível a cada vez mais pessoas” (E1).

Os que sinalizam alguma dúvida em relação a essa questão se deve ao fato da dificuldade de desconexão e da disciplina que o trabalho remoto exige. “Por incrível que pareça, sinto que tenho maior controle do meu trabalho quando estou em um lugar fixo. Além disso, sinto que consigo me organizar melhor e ter mais momentos de lazer, por exemplo” (E7). Mas, a maior parte dos que consideram voltar ao trabalho presencial, revelam a necessidade de analisar propostas, para pontuar prós e contras. Ou seja, não planejam para o futuro a definição de um estilo de vida fechado, nem de um lado nem de outro.

Tabela 13: Perspectivas dos nômades digitais.

Identificação	Pretende voltar a estudar?	Prefere ensino remoto ou presencial?	Voltaria a ter um trabalho em um lugar 100% fixo e presencial? Por que?
E1	Eu nunca parei de estudar. Cursei Ciências Contábeis na universidade e desisti no último ano para me dedicar ao desenvolvimento de pessoas. A partir daí, foram diversos cursos, especializações e certificações voltadas ao empreendedorismo e liderança humanizada.	Remoto.	Acredito que não. Eu valorizo muito a liberdade de fazer escolhas sobre tudo o que impacta a minha produtividade e qualidade de vida. Encontrei uma maneira de fazer o que amo, conhecer novas culturas e ganhar dinheiro com isso. Eu sou uma grande defensora do trabalho remoto e penso que precisamos criar estratégias inteligentes para tornar esta oportunidade acessível a cada vez mais pessoas.
E2	Estou sempre estudando. Nunca parei. Agora, se pretendo voltar ao estudo formal, não. Acho que a faculdade	Presencial, apesar de viver do online.	Jamais. Porque não consigo me imaginar pegando trânsito pra trabalhar ou tendo que me deslocar para fazer algo que posso fazer de casa.

	hoje não consegue acompanhar a velocidade das mudanças do mundo.		
E3	Não pretendo voltar a estudar formalmente. Fazer alguns cursos livres, sim, mas apenas isso.	Um pouco de cada: a praticidade do remoto e a interação do presencial.	Às vezes penso que sim, mas a oportunidade teria que ser muito boa: bons benefícios, salário decente e com mais liberdade do que as empresas costumam oferecer. A equipe, como um todo, também teria que ser bacana, pois não consigo mais me imaginar trabalhando diariamente ao lado de pessoas inconvenientes.
E4	Pretendo sim, sempre que puder.	Presencial e remoto para alguns tipos de formações.	Sim, Dependendo da oportunidade, mas certamente ficarei desenvolvendo os meus projetos em home office, mantendo a minha produtora.
E5	Não.	Presencial.	Apenas se for meu negócio próprio em outra área: gastronomia.
E6	Estou sempre estudando – fiz duas pós-graduações no Brasil, uma lato sensu e um mestrado acadêmico – e agora estou no segundo mestrado.	Gosto do modelo híbrido, já que algumas aulas funcionam melhor à distância.	Não tenho vontade por enquanto.
E7	Sim. Pretendo fazer uma especialização	Presencial.	Voltaria. Por incrível que pareça, sinto que tenho maior controle do meu trabalho quando estou em um lugar fixo. Além disso, sinto que consigo me organizar melhor e ter mais momentos de lazer, por exemplo.

E8	Estudo formalmente neste momento.	Presencial	Sim, no mínimo parcialmente. Ter interações presenciais é bom para o bem-estar. Além disso, o trabalho em local fixo estabelece uma “desconexão” com o espaço de trabalho que é difícil de atingir no trabalho remoto.
E9	Sigo estudando. Faço doutorado presencial no momento.	Remoto.	Não. Apenas em último caso, porque aprendi a ser livre. Sai do paradigma de trabalhar dentro de uma empresa com horários fechados e ambiente fechado. Não quero perder a liberdade conquistada.
E10	Já estou a estudar formalmente.	Presencial.	Dependeria da proposta.
E11	Tenho vontade de fazer pós-graduação em neurociência	Hoje, eu preferia ter os dois.	A pandemia me fez acordar ainda mais para o <i>on-line</i> , foi um grande empurrão. Tivemos que aprender as questões técnicas de uma hora para outra. Mas não acredito que ficarei trabalhando somente <i>on-line</i> depois disso tudo. Acho que permanece a flexibilidade de ter as duas coisas: o trabalho híbrido, menos rígido. Considero mais fácil voltar a ser 100% presencial do que 100% digital, mas também não acredito que vá acontecer. O modelo híbrido, para mim, será a escolha mais viável.
E12	Nunca paro de estudar. Mas, formalmente, não pretendo.	Remoto.	Não. Já conquistei uma liberdade. É uma evolução o que a gente está vivendo,

			não tem porque retroceder.
--	--	--	----------------------------

Fonte: Elaboração própria, 2021

Considerações Finais

A pesquisa buscou investigar o nomadismo digital e seus reflexos e efeitos no ofício dos profissionais de comunicação e como eles produzem e propagam informação de acordo com esse estilo de vida. A investigação iniciou com as seguintes perguntas de partida: Como ocorreu a inclusão do nomadismo digital na comunicação e como os profissionais da área desenvolvem suas carreiras com o trabalho remoto? Quais os efeitos desse modelo de trabalho para a propagação da informação?

O resultado obtido, graças ao método quadripolar (De Bruyne, Herman & De Schoutheete, 1974), permitiu com que a pesquisa se aprofundasse na observação dos fatos, principalmente de grupos em redes sociais; desenvolvesse um embasamento teórico, através da revisão de literatura; e finalizasse com a recolha de dados e análise das entrevistas realizadas com 12 profissionais de comunicação que se autodenominam nômades digitais.

A primeira dificuldade encontrada foi a respeito da definição do tema. As diversas interpretações sobre conceito do nomadismo digital trazem também ao alcance uma diversidade de perfis profissionais. O principal ponto em comum observado entre os nômades digitais que trabalham com comunicação é a insatisfação com os antigos modelos de trabalho. Além disso, existe uma dificuldade em obter dados estatísticos e demográficos acerca dos nômades digitais, devido ao caráter disperso.

Considerando que a modernidade é "a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização." (Bauman, 2001, p. 40), foi observado que os profissionais buscam descaracterizar os modelos antigos, sem rejeitá-los por completo. "Sendo assim, quando se busca o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal abre-se a possibilidade do indivíduo de conseguir ter uma visão mais ampla e crítica do mundo a sua volta. Como consequência disso, é possível que surjam novos modelos operantes, com o objetivos que resolver problemas encontrados nos padrões antigos." (Oliveira, 2019, p. 55).

O nomadismo digital, nesse contexto, se apresentou como uma saída, em busca de maior liberdade e qualidade de vida. “O estilo de vida pode ser visto como um sintoma de que o modelo tradicional não está funcionando, e as pessoas estão buscando, com as próprias mãos, subverter os ideais capitalistas de modo a tirar proveito do que lhes faz sentido, mas ao mesmo tempo, recusar o que não lhes faz” (Oliveira, 2019, p. 60).

A partir da análise tanto da revisão de literatura quanto dos dados empíricos, é possível estabelecer que os nômades digitais da área de comunicação são profissionais cujo trabalho pode ser realizado de qualquer lugar do mundo, possibilitando a mobilidade necessária para conhecer novas culturas, sem que isso impacte o resultado financeiro. Através do uso do celular, computador, da internet de alta velocidade e de softwares variados, os nômades não precisam de uma “sede” empresarial permanente para exercer suas atividades. Isso não significa que não possam ter uma “base” em um determinado local. Alguns deles viajam por períodos curtos e voltam a um lugar estratégico de apoio.

Para entender a influência do trabalho no projeto de vida dos nômades digitais, a partir das práticas intermediadas pela tecnologia e pela mobilidade, a pesquisa revelou que, entre os pontos de maiores dificuldades, manter o planejamento e a disciplina é ponto comum entre praticamente todos os entrevistados. A dificuldade para se desconectar do trabalho também é um fator de complicação. Além disso, o dia a dia solitário e a dificuldade de se estabelecer vínculos presenciais permanentes e estáveis demonstra que o estilo de vida exige mais inteligência emocional do que aparenta.

Diante da pergunta de partida (“Quais os efeitos desse modelo de trabalho para a produção e propagação da informação?”), a pesquisa expôs que os entrevistados se dividem em relação a considerar ou não ser possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente. Cinquenta por cento deles consideram que a distância não provoca ruído na comunicação, de forma geral. A outra metade pondera que a troca presencial de informação, de forma direta, não tem como ser substituída, porque nada supera a proximidade e a oportunidade da leitura corporal para uma comunicação mais efetiva.

Apesar disso, a pandemia nos mostrou que a tecnologia pode contribuir de muitas formas, embora uma outra dificuldade encontrada na pesquisa tenham sido as questões

trazidas justamente dentro desse contexto. A pandemia da Covid-19 dificultou ainda mais alguma conclusão sobre a definição do nomadismo e uma confusão com o conceito de trabalho remoto. Afinal, nem todos os que trabalham remotamente podem ser considerados nômades digitais. O estudo desponta que, mesmo pós-pandemia, uma força de trabalho nômade em escala real poderia simplesmente manter esse ciclo em andamento, dando mais privilégios e vantagens para pessoas já privilegiadas economicamente e tecnologicamente a trabalhar como nômades digitais. Diante dessa perspectiva e, porque a pandemia ainda está muito presente e latente em nossas vidas, é interessante seguir com o aprofundamento no tema, para conclusões mais assertivas posteriores.

A interpretação da pesquisa permite prever que o fenômeno continuará a acontecer a longo prazo, como uma das consequências de uma lógica tecnológica em evolução. Isso porque as perspectivas de trabalho, a maioria dos entrevistados não pretende retomar o trabalho 100% presencial e se readaptar ao modelo de trabalho anterior, rígido, com horários definidos.

Das motivações dos nômades digitais entrevistados, poder ganhar dinheiro, em qualquer parte do globo, ao mesmo tempo em que conhece outras culturas e possui flexibilização de horário, aparenta ser o mundo ideal, se não houvesse alguns detalhes que a realidade escancara. Ou seja, apesar da tentativa em ser uma alternativa viável ao modo de trabalho, há ainda lacunas que o estilo de vida nômade digital não consegue completar. A principal delas, é a respeito da insegurança financeira. Nenhum dos entrevistados possui vínculo empregatício completamente estável. Todos são ou autônomos; ou trabalham de forma contratual, como pessoa jurídica (microempresa); ou são empreendedores do próprio negócio.

Diante desse contexto, é importante que se progridam análises significativas a respeito dos reflexos sociais e também na economia, inclusive em um recorte mais detalhado, envolvendo as Indústrias Criativas. A realidade encontrada levamos a questionar até que ponto os regimes de trabalho e modelos de contratação adotados nessa indústria tendem a se transformar, atraindo ou repelindo esses novos perfis profissionais.

Como pode ser analisado no capítulo 6, nenhum dos entrevistados que está fora do país possui uma regulamentação estrangeira pelo modo de trabalho. Todos possuem outros

tipos de visto, principalmente de estudante, ou então, possuem dupla nacionalidade, o que permitiria o estilo de vida apenas à alguns perfis privilegiados, excluindo a maioria da população brasileira. Falta regularização, em âmbito transnacional, e, por consequência, falta proteção e segurança financeira e previdenciária aos profissionais nômades. De quem poderá vir uma resposta: das empresas, dos governos, das entidades de classe, do público, ou de ninguém?

Um exemplo viável, citado no capítulo 1, surge da Prefeitura do Rio de Janeiro (Brasil), que anunciou, em julho de 2021, o programa Nômades Digitais, para quem quer visitar a cidade sem deixar o trabalho de lado e montar sua base de trabalho no local temporariamente. Uma das medidas é a concessão do certificado *Rio Digital Nomads*, um selo para hotéis e hostels que vão ter tarifas especiais para esse tipo de cliente que aderir a pacotes de longa permanência. Espaços de coworkings também podem ganhar essa autenticação. A medida incentiva os empresários de turismo e hotelaria a receber e valorizar os profissionais que comungam desse estilo de vida.

Dessa forma, o que hoje ainda é visto apenas como um estilo de vida privilegiado e elitizado, com o avanço tecnológico e com um olhar mais atento das empresas, sindicatos, associações e federações profissionais, pode caminhar para a mudança de paradigmas profissionais e visualizar um modo de trabalho cada vez mais democrática e menos exploradora. Isso porque, apesar da mobilidade e flexibilidade de horário ser uma vantagem ao nômade digital, essas questões trazem também uma situação de monitoramento e disponibilidade constante, tanto para seus contratantes quanto para seus clientes. “Através dos novos recursos tecnológicos, todos nós de uma forma ou de outra estamos a participar do estilo de vida nômade.” (Souza, 2020, p.326).

De acordo com o exposto pela pesquisa, as características do nomadismo digital e as lógicas do capitalismo atual, apresenta-se como uma situação paradoxal. “Ao mesmo tempo que permite maior autonomia temporal e a consagração de valores intrínsecos, o que acaba por oferecer um alto grau de motivação para que os indivíduos ingressem e permaneçam neste lifestyle, o nomadismo digital, pode facilitar e promover novas formas de exploração e de precarização” (Souza, 2020, p. 326). É nesse sentido que pode ser colocada uma lupa sobre o estudo.

O quadro dos nômades digitais na comunicação gera uma incompatibilidade com a realidade financeira da maioria dos profissionais. Nesse sentido, a pesquisa analisou uma predileção de arranjos híbridos de geração de renda pelos entrevistados. E, por essa pesquisa estar apenas em seu estágio inicial, releva que o estudo não está fechado, e deve acompanhar esses três pilares: a evolução tecnológica, as transformações na economia e a adaptabilidade de carreira dos profissionais de comunicação.

Referências Bibliográficas

Amorim, M. L. (2014). *A aplicação do marketing nas Indústrias Criativas da Região Norte de Portugal: a aplicação do marketing nas Indústrias Criativas da Região Norte de Portugal: análise das empresas associadas da ADDICT* (Doctoral dissertation).

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Bauman, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Bendassolli, P. F. (2006). *Os ethos do trabalho. Sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

Bertalanffy, L. V. (1973). *Théorie générale des systèmes*. Paris, Dunod, 17.

Bonisem, F.M., Lopes, D.V. (2019). *O Jornalismo na Era Digital: Impactos Percebidos por Repórteres e Editores*. Publicado e apresentado no XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste do Brasil. Consultado online em 20/12/2019, disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0800-1.pdf>.

Boltanski, L.; Chiapello, Ève (2009). "O novo espírito do capitalismo". São Paulo: Martins Fontes.

Castells, M. (2003). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

Cresswell, T. (2010). Towards a politics of mobility. *Environment and planning D: society and space*, 28(1), 17-31. London: University of London

De Bruyne, P., Herman, J., & De Schoutheete, M. (1974). *Dynamique de la recherche en sciences sociales: les pôles de la pratique méthodologique* (Vol. 39). Paris: Presses universitaires de France.

De França Silva, H., & Moreira, B. D. (2015). *A Prática Jornalística e o Nomadismo Digital: Potencialidades e Possíveis Caminhos*. Publicado e apresentado no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro. Consultado online em 20/12/2019, disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3725-1.pdf>

Fernandes, R. S. (2013). *Proposta de Verbete e Artigo-resumo da Obra: “Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: Os Polos da Prática Metodológica”*. Porto: Universidade do Porto.

Guindani, J. F., & Silva, M. G. (2018). *Comunicação e indústria criativa: políticas, teorias e estratégias*. Jaguarão, RS: CLAEC.

Horkheimer, M., & Adorno, T. W. (1972). *Dialectic of Enlightenment: Max Horkheimer and Theodor W. Adorno*. New York: Seabury Press.

Howkins, J. (2020). *Economia Criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas*. São Paulo: M. Books.

Iakovleva E. L., Seliverstova N. S., Grigoryeva O. V. *Concept of digital nomad: fundamental risks of digital economy development, Actual Problems of Economics and Law*, 2017, vol. 11, No. 4, pp. 226–241 (in Russ.). DOI: <http://dx.doi.org/10.21202/1993-047X.11.2017.4.226-241>

Lasswell, H. (1927). The Theory of Political Propaganda. *American Political Science Review*, 21(3), 627-631. doi:10.2307/1945515

Lemos, A. (2009). *Cultura da mobilidade*. Porto Alegre: Revista Famecos, 16(40), 28-35.

Lemos, J. A. S. (2013). Indústria Cultural e Comunicação de Massa: Considerações sobre Produtos Midiáticos “Tradicionais” e “Conservadores” Brasileiros e as Implicações da Mercantilização da Cultura para o Receptor. *Revista Vernáculo*, (31)

Makimoto, T., & Manners, D. (1997). *Digital nomad*. John Wiley & Sons Incorporated.

Marx, K. (1981). *O Capital: crítica da economia política*, Livro 1, Volume II. Rio de Janeiro: BomTempo Editorial

Matos, R. S. D. F. (2016). *Nômades digitais: perfis, motivações e viabilidade* (Doctoral dissertation). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas

Matos, P. (2018). *Matos, P. (2018). Mobilidade e comunicação: o Caso do Nomadismo Digital*. In: III Jornada Internacional GEMInIS (JIG 2018) - São Paulo-SP, 2019.

McLuhan, M., de Carvalho, L. G., & Teixeira, A. (1972). *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo

Monteiro, S.B. (2009). *A Indústria Cultural e os meios de comunicação de massa amplificando a persona*. Sorocaba: Universidade de Sorocaba.

Nascimento, N. O. E. D. (2015). *Nomadismo digital e comunicação na Web 2.0: uma análise do blog Nômade Digitais*. Porto Alegre: Faculdade Federal do Rio Grande do Sul.

Oliveira, A. L. S. P. D. (2019). *Vida em fluxo: nomadismo digital como forma de ser e estar na contemporaneidade*. Brasília: Universidade de Brasília.

Ozili, P. K., & Arun, T. (2020). Spillover of COVID-19: impact on the Global Economy. Available at SSRN 3562570.

Pereira, S. (2018). *Atenção: o maior ativo do mundo: o caminho mais efetivo para ser conhecido, gerar valor para seu público e ganhar dinheiro*. São Paulo: Editora Gente.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª Edição, Col. *Trajectos*, Lisboa: Gradiva.

Relatório de Economia Criativa 2010 – UNCTAD. Consultado em 20/08/21. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_pt.pdf

Silva, A. M.; Ribeiro, F. (2002). *Das “ciências” documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto, Edições Afrontamento.

Souza, T. S. D. (2020). *Nomadismo digital: representações e práticas do estilo de vida e de trabalho nômade*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Terra, A. L. (2014). A metodologia quadripolar de investigação científica aplicada em Ciência da Informação: relato de experiência. Porto: Prisma. com, 45-66.

Travancas, I. S. (1992). *O mundo dos jornalistas* (Vol. 43). Belo Horizonte: Summus Editorial

Throsby, D. (2015). The cultural industries as a sector of the economy. In *The Routledge companion to the cultural industries* (pp. 72-85). Londres: Routledge.

Valenduc, G., & Vendramin, P. (2016). *Work in the digital economy: sorting the old from the new* (Vol. 3). Brussels: European Trade Union Institute.

Anexos

Questionário: O Nomadismo Digital e Comunicação: os efeitos da mobilidade e das tecnologias na produção e propagação da informação

Entrevistado 1 – E1

Localização atual:

Cebu (Filipinas)

Idade:

40 anos

Gênero:

Feminino

Profissão:

Mentora em liderança feminina e blogueira

Estado Civil:

Casada

Escolaridade:

Superior Incompleto

Se considera nômade digital? Por que?

Sim. Porque o meu trabalho pode ser realizado de qualquer lugar do mundo, me possibilitando a mobilidade necessária para conhecer novas culturas, sem que isso impacte meu resultado financeiro.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Através das minhas mentorias, consultorias e cursos, tenho clientes no Brasil, Argentina, Colômbia, México, EUA, Irlanda, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Filipinas e Índia.

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Com certeza a liberdade de poder estar em qualquer lugar e ter contato com pessoas de diferentes culturas.

O que considera como a maior dificuldade?

Manter o planejamento e a disciplina que o trabalho remoto exige.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Nada supera a proximidade e a oportunidade da leitura corporal para uma comunicação mais efetiva. Contudo, a pandemia nos vem ensinando que a tecnologia pode contribuir de muitas formas. Eu penso que precisamos partir do princípio que uma boa comunicação se dá quando há interesse legítimo e responsabilidade de quem é o portador da informação, para que ela chegue da melhor maneira à outra pessoa, esteja ela no presencial ou no on-line.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Aqui nas Filipinas a burocracia consegue ser ainda pior que no Brasil.

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

A minha documentação foi possível pois meu marido tem visto de trabalho. Eu, como esposa, não tenho autorização oficial para trabalhar aqui. Isso aconteceria apenas se uma empresa estivesse interessada em comprar o meu visto.

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Moro nas Filipinas

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Eu trabalho em home office.

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Aqui nas Filipinas, a qualidade da internet pode ser bem ruim em várias ilhas. Em Cebu, na ilha onde estou atualmente, conseguimos boa conexão. No geral, sempre escolho viajar para lugares onde eu consiga bom sinal de internet, mas é óbvio que acontecem imprevistos. Os planos de internet são bem simples de comprar.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Meu pai fez escola técnica e cursou almoxarifado. Antes de falecer, em 2017, trabalhava como vendedor em uma loja de tecidos. Minha mãe fez o segundo grau e trabalha como vendedora ambulante no interior da Bahia.

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

Saí da casa dos meus pais aos 17 anos, pois os nossos estilos de vida eram incompatíveis e isso estava me atrapalhando. Eles gostavam de farra regada a bebida e cigarro, que sempre resultava em confusão. Eu queria estudar, trabalhar, ganhar dinheiro e conhecer o mundo.

Pretende voltar a estudar formalmente?

Eu nunca parei de estudar. Cursei Ciências Contábeis na Universidade e desisti no último ano para me dedicar ao desenvolvimento de pessoas. A partir daí, foram diversos cursos, especializações e certificações voltadas ao empreendedorismo e liderança humanizada.

Prefere ensino remoto ou presencial?

Remoto.

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

Desde muito nova ajudava a minha mãe nas vendas, mas o meu primeiro trabalho com salário foi aos 16 anos, quando trabalhei como recepcionista no consultório de uma psicóloga.

O que fazia antes do trabalho remoto?

Tinha uma escola de desenvolvimento pessoal em Itu, onde dávamos treinamentos para equipes de empresas locais. Além de palestras e cursos presenciais e online.

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Em 2015, vivemos uma crise muito forte nos negócios o que nos motivou a partir para o online, a fim de reduzir custos e alcançar mais pessoas. A partir daí, percebi que poderia desenvolver um produto próprio que me desse mobilidade e rentabilidade ao mesmo tempo, comecei a estudar marketing digital e em 2017, lancei meu primeiro grupo de mentoria online. Ao sair do Brasil em 2019, validei o projeto e desde então trabalho exclusivamente online.

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

Isso depende da demanda. Quando estou em lançamento de novas turmas, posso facilmente trabalhar 8 horas por dia. Em tempos normais, cerca de 4 horas.

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Como sou empreendedora, a minha renda depende muito de quanto estou disposta a me dedicar à lançamentos e criação de novos produtos. Hoje me mantenho financeiramente exclusivamente com trabalho remoto.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Boa conexão de internet, computador, celular e ring light.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Como trabalho em casa, não raro algo me dispersa e, essa dispersão pode facilmente se transformar em procrastinação. Como empreendedora, sem salário fixo, se não me mantenho focada isso impacta diretamente no meu resultado. Penso que esse é um dos maiores desafios.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Com a agenda flexível, é simples transformar qualquer dia em férias, assim como é sedutora a ideia de trabalhar enquanto está no momento de lazer. Saber equilibrar isso é uma grande força para quem quer ser nômade digital.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Não escolhi, o lugar que me escolheu. Vim para as Filipinas pelo trabalho do meu marido.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Acredito que não. Eu valorizo muito a liberdade de fazer escolhas sobre tudo o que impacta a minha produtividade e qualidade de vida. Encontrei uma maneira de fazer o que amo, conhecer novas culturas e ganhar dinheiro com isso. Eu sou uma grande defensora do trabalho remoto e penso que precisamos criar estratégias inteligentes para tornar esta oportunidade acessível a cada vez mais pessoas.

Entrevistado 2 – E2

Localização atual

Recife, Pernambuco (Brasil)

Idade

37 anos

Gênero

Masculino

Profissão

Publicitário

Estado Civil

Casado

Escolaridade:

Pós-graduado

Se considera nômade digital? Por que?

Sim, porque não existe diferença entre férias e rotina pra mim. Moro onde quero e quando quero mudar de ares, simplesmente mudo. Por exemplo, queria passar uma temporada no Chile no inverno pra esquiar. Aluguei um airbnb e passamos 3 meses lá. Queria passar um tempo na Colombia, fui... Queria ir pros Estados Unidos, fui... Nunca minha empresa parou ou eu deixei de trabalhar. Posso trabalhar de onde quiser na hora que preferir.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Hoje meus principais projetos são no Brasil, mas tenho clientes nas mais diferentes partes do mundo pois faço vendas pela internet e presto consultoria pra uma agência de Londres.

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Poder continuar ganhando dinheiro independente de onde eu for. Assim, se eu gostar de um lugar, posso aumentar minha estadia sem dor de cabeça, sem ter que voltar.

O que considera como a maior dificuldade?

É difícil desligar. Desconectar. Às vezes preciso me forçar a ir para um lugar sem conexão para me desligar um pouco do trabalho.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Sim. Minha empresa funciona desde 2014 - 100% remota.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?]

Moro no Brasil

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Moro no Brasil

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Por causa da família. Eu tenho vontade de morar no exterior, mas minha esposa não consegue ficar muito tempo longe da família, por isso nossa base é aqui e procuramos passar pelo menos 3 meses por ano em outros lugares. Assim a gente alterna entre a família e a vontade de conhecer o mundo.

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Sempre home office. Só quando a internet da casa é ruim ou precisamos fazer algum tipo de transmissão ao vivo é que uso coworking.

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Normalmente não. Sempre tem um coworking que tem uma boa internet pra gente trabalhar quando precisa.

No Brasil uso bastante também a internet móvel. Quando viajamos de carro por todo o Brasil, saindo de Recife até Buenos Aires, usei praticamente só o 4G da vivo e foi tranquilo. Até mesmo na América do Sul. Meu plano cobre todos os países.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Minha mãe é professora aposentada e tem pós-graduação.

Meu pai é aposentado também na área financeira e é pós-graduado em marketing. Ele terminou o segundo grau do colégio e fez faculdade depois que eu já era formado. Um exemplo de determinação pra mim.

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

Sai com 24 porque fiquei noivo e minha namorada na época morava sozinha e ia parar de dividir a casa com as amigas.

Pretende voltar a estudar formalmente?

Estou sempre estudando. Nunca parei... Agora, se pretendo voltar ao estudo formal, não. Acho que a faculdade hoje não consegue acompanhar a velocidade das mudanças do mundo.

Prefere ensino remoto ou presencial?

Presencial, apesar de viver do online.

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

16 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Eu era servidor público concursado.

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Liberdade

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

Em média 3 a 4 horas por dia

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Sim, vivo desde 2014 exclusivamente da internet.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Um computador com conexão à internet e um celular com câmera boa.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Não. Já virou rotina.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Sempre.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Jamais. Porque não consigo me imaginar pegando trânsito pra trabalhar ou tendo que me deslocar para fazer algo que posso fazer de casa.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Eu escolho locais que tem uma boa internet (+30Mb), fácil acesso via metrô (se tiver na cidade) ou bem localizado, para não precisar pegar carro pra ir nos principais pontos turísticos que quero visitar.

Entrevistado 3 – E3

Localização atual

Atibaia, SP (Brasil)

Idade:

30 anos

Gênero:

Feminino

Profissão:

Publicitária, trabalhando atualmente como redatora e gestora de conteúdo

Estado Civil:

Solteira

Escolaridade:

Superior completo

Se considera nômade digital? Por que?

Sim, pois tenho um trabalho que me dá liberdade geográfica e aproveito isso sempre que posso.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Todas as empresas que já atendi são do Brasil, e como prestadora de serviço, sem vínculo empregatício.

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Por mais estranho que possa parecer, acho que ao trabalhar nesse contexto as pessoas acabam sendo mais responsáveis e entregando mais. Acho que esse modelo elimina muita coisa que é desnecessária no formato presencial, o que deixa as coisas mais fáceis.

O que considera como a maior dificuldade?

Hoje já superei, mas para quem está começando acho que a maior dificuldade pode ser sentir que está sozinho, seja para trabalhar ou para fazer as viagens que quer. Nem sempre temos com quem compartilhar as coisas da forma como queríamos.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Sim, considero. Trabalho atendendo 2 agências (falo com as equipes várias vezes na semana), fora outros clientes, e a comunicação sempre aconteceu muito bem. Vez ou outra surge algum problema, mas, quando existe uma boa organização e tudo documentado, as coisas se resolvem rápido.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Pulando essa pergunta, pois não condiz com minha realidade (moro no Brasil)

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Pulando essa pergunta, pois não condiz com minha realidade (moro no Brasil)

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Brasil é lindo, é barato comparado a muitos outros países, tem muitos locais pensados para quem trabalha remotamente, e tem MUITA coisa que quero conhecer por aqui ainda. Mas, claro: a vontade de passar umas semanas na Itália, por exemplo, segue aqui comigo, rs. Existem alguns países na lista, mas as vezes o custo da viagem desanima, isso sem falar de toda essa questão da pandemia, que não sabemos quando realmente será resolvida.

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Quando estou na minha cidade, normalmente trabalho de casa (casa dos pais, na verdade), ou vou para a biblioteca ou alguma cafeteria. Quando estou em outras cidades, normalmente trabalho no local onde me hospedo (não me sinto segura para ficar andando com notebook por uma cidade que não conheço).

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Não tenho muito do que reclamar, das experiências que tive, internet nunca foi problema.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Ensino Fundamental, ambos. Pai trabalhador rural, e mãe trabalhadora rural/faxineira.

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

Nunca cheguei a oficialmente sair da casa deles. Simplesmente decidi que não quero (no momento) comprar uma casa, e muito menos alugar uma (principalmente pq o valor do aluguel ou do financiamento me deixaria dura para viajar), então a casa deles é minha base para os momentos em que não viajo (que têm sido MUITOS desde que a pandemia começou).

Pretende voltar a estudar formalmente?

Não. Fazer alguns cursos “soltos”, sim, mas apenas isso.

Prefere ensino remoto ou presencial?

Um pouco de cada: a praticidade do remoto e a interação do presencial.

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

16 anos (era menor aprendiz).

O que fazia antes do trabalho remoto?

Cuidava do marketing de uma empresa de cosméticos.

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Quando saí da empresa de cosméticos comecei a estudar sobre marketing de conteúdo e ir em busca de clientes. Comecei a prestar meus serviços como redatora sem nem me

tocar de que poderia fazer isso de onde quisesse, até que fui descobrindo outras pessoas que trabalham assim e me toquei de que me enquadrava no chamado “nomadismo digital”. Decidi que era isso que eu queria para a minha vida, principalmente por que me desanimava (e ainda desanima, rs) me imaginar “presa” a uma empresa de novo, tendo só os finais de semana livres para resolver minhas coisas e fazer tudo o que quero.

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

Depende muito, mas normalmente trabalho de 4 a 6 horas por dia.

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Consigo.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Notebook e celular (conectados à internet, claro)

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Algumas vezes, sim. Mas isso é coisa minha, não é “culpa” do formato de trabalho não.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Sim, mesmo porque um nômade digital precisa entender que nomadismo não é sinônimo de turismo. Não há problema nenhum em deixar para “turistar” só aos finais de semana.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Eu não escolho o local “onde vou trabalhar remotamente”, sabe? Não tenho aquele pensamento “uau, quero trabalhar do lugar x”, rs. Eu penso primeiro em qual lugar quero conhecer e a partir daí vejo as possibilidades de conciliar a viagem com o trabalho. Se vejo que está muito difícil encontrar uma hospedagem que me permita trabalhar tranquila, ou se vejo que tudo sairá mais caro do que quero pagar, planejo outro destino.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

As vezes penso que sim, mas a oportunidade teria que ser MUITO boa: bons benefícios, salário decente e com mais liberdade do que as empresas costumam oferecer. A equipe,

como um todo, também teria que ser bacana, pois não consigo mais me imaginar trabalhando diariamente ao lado de gente chata, rs.

Entrevistado 4 – E4

Localização atual:

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (Brasil)

Idade:

33 anos

Gênero:

Masculino

Profissão:

Cineasta

Estado Civil:

Casado

Escolaridade:

Mestrando

Se considera nômade digital? Por que?

Sim, Através da criação da produtora Corcovado o qual não se enquadra no formato tradicional, desde a sua criação até os dias de hoje seguiu no formato do home office. Conseguindo através de diversos colaboradores trabalhando no mesmo formato desenvolver projetos audiovisuais e até mesmo coproduções com empresas tradicionais do ramo cinematográfico e televisivo.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Brasil e EUA

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Autonomia e responsabilidade.

O que considera como a maior dificuldade?

Ter credibilidade para os clientes e até mesmo pessoas próximas entender que é um trabalho e não um hooby.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Não, pela a minha experiência de 11 anos de trabalho remoto, acredito que o conceito híbrido seria o mais compatível para diversos os setores, inclusive o meu das Indústrias Criativas.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Já morei em Portugal e acredito que cada vez esteja mais acessível.

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

No meu caso eu consegui estabelecer trabalho remoto por eu ter cidadania portuguesa e empresas sediadas em ambos países: Brasil e Portugal.

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Acredito que o Brasil seja um país muito forte e com suas potencialidades e como tudo tem seus prós e contras, tenho desenvolvido um formato de trabalho que eu possa prestar serviços para diversos países.

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Home office

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Sim, as vezes que tenho alguns problemas.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Nível superior completo. Advogados.

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

Aos 20, motivo de trabalho.

Pretende voltar a estudar formalmente?

Sim, para sempre nos tempos de hoje. Esse é o novo normal

Prefere ensino remoto ou presencial?

Presencial e remoto para alguns tipos de formações.

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

17 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Sempre trabalhei em produtora audiovisual e canal televisivo com formato tradicional.

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Pelo o fato de ter mais autonomia e um custo financeiro mais baixo.

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

60 horas semanais em média.

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Possuo outras fontes de renda.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Depende, mas geralmente é um desktop e um notebook e alguns equipamentos que utilizo para gravação, o que não consigo atender já adiciono ao business plan do projeto que desenvolvo alugando os equipamentos e contrato alguns colaboradores via Pessoa Jurídica ou produtoras com espaço físico.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Não.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Turismo muito pouco, o trabalho e lazer sim. Geralmente um local mais fora dos grandes centros urbanos, hoje em dia resido no Rio de Janeiro localizado no bairro do Recreio dos Bandeirantes que possui situado uma zona de praias, parques florestais e lagoas.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Geralmente um local mais fora dos grandes centros urbanos, hoje em dia resido no Rio de Janeiro localizado no bairro do Recreio dos Bandeirantes que possui situado uma zona de praias, parques florestais e lagoas.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Sim, dependendo da oportunidade, mas certamente ficarei desenvolvendo os meus projetos em home office mantendo a minha produtora.

Entrevistado 5 – E5

Localização atual:

São Paulo (SP), Brasil

Idade

34 anos

Gênero

Masculino

Profissão

Publicitário

Estado Civil

Solteiro

Escolaridade:

Superior completo

Se considera nômade digital? Por que?

Sim, porque hoje consigo exercer meu trabalho de qualquer lugar

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Trabalho para o Brasil apenas, autônomo

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Flexibilidade

O que considera como a maior dificuldade?

Wi-fi de qualidade

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Profissionais, sim.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Não moro no exterior, fiquei um tempo no Chile, mas com clientes do Brasil

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Entrada como turista

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Voltei ao Brasil por conta da pandemia

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Home office.

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Internet não era fácil, para nós a internet aqui é ruim, mas em países como Argentina e Chile encontrei mais dificuldade com internet de qualidade

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Representantes comerciais

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

27, ter mais liberdade e espaço

Pretende voltar a estudar formalmente?

Não

Prefere ensino remoto ou presencial?

Presencial

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

19 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Trabalhava em agência de publicidade: mídia digital e Business intelligence

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Conhecer novos lugares, liberdade geográfica

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

40 horas semanais, pelo menos

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Sim, consigo. Totalmente pelo trabalho remoto

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Notebook e internet

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Não muita

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Sim, intimamente anda mais puxado no trabalho, mas normalmente sim

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Quando tem mais demandas de trabalho procuro algum lugar que tenha wi-fi na estadia em cidade média para grande, caso a internet não funcione na estadia tenho flexibilidade em procurar um café ou coworking.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Apenas se for meu negócio próprio, na área de gastronomia.

Entrevistado 6 – E6

Localização atual:

Nova York, EUA

Idade:

30

Gênero:

Masculino

Profissão:

Jornalista

Estado Civil:

Solteiro

Escolaridade:

Mestrado concluído

Se considera nômade digital? Por que?

Sim. Desde o início da pandemia trabalho remotamente e já morei em três países, em cidades diferentes (Brasil / Oxford / Nova York)

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Sou um dos diretores da Abraji e da Fiquem Sabendo no Brasil, tenho emprego fixo na OCCRP (Organized Crime and Corruption and Reporting Project) e, durante sete meses, fui pesquisador-visitante na Universidade de Oxford. Todos os trabalhos são como pessoa jurídica.

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Possibilidade de conciliar diferentes trabalhos, ganhar mais e ter mais tempo para a vida pessoal.

O que considera como a maior dificuldade?

Falta de conversa/circulação de ideias com outras pessoas no corredor, encontros informais.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Não sei se podemos concluir isso ainda, mas acredito que a maioria dos problemas é possível, sim, resolver à distancia.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Não sei dizer porque estou em situações específicas com visto de estudante (EUA) e de *visiting scholar* (Reino Unido), então não paguei impostos. Foi tudo resolvido pelas universidades.

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Outro motivo (*estudo/visiting scholar*)

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Fiquei alguns meses em home office no Brasil, mas logo saí. Eu tenho interesse em voltar para o Brasil quando concluir os estudos. Acredito que tenho muito a contribuir com o meu país no meu trabalho.

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

A OCCRP é uma organização presente em vários países, então a maioria dos editores e repórteres trabalham remotamente.

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Não. É bem simples.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Mãe tem ensino superior completo e pai, ensino fundamental completo.

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

Saí aos 21 anos, para estudar e trabalhar em São Paulo (sou de Sorocaba)

Pretende voltar a estudar formalmente?

Estou sempre estudando – fiz duas pós-graduações no Brasil, uma *lato senso* e um mestrado acadêmico – e agora estou no segundo mestrado.

Prefere ensino remoto ou presencial?

Gosto do modelo híbrido, já que algumas aulas funcionam melhor à distância.

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

18 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Repórter em diversos veículos (CNN Brasil, Estadão, Globo)

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Inicialmente por obrigação relacionada à pandemia do coronavírus, depois porque mudei de emprego e o trabalho é 100% remoto.

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

Neste momento eu diria que menos de 10 horas, pois estou estudando, mas no primeiro semestre eu diria que de 30 a 40 horas por semana.

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Consigo.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Apenas computador e celular.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Um pouco, especialmente quando estava em *lockdown*.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Sim.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

De acordo com outras atividades que eu tiver de desempenhar naquele momento (ex: em Oxford foi por causa do *fellowship* que eu estava fazendo e aqui em Nova York, pelo mestrado).

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Não tenho vontade por enquanto.

Entrevistado 7 – E7

Localização atual:

São José dos Campos, SP (Brasil)

Idade:

24 anos

Gênero:

Feminino

Profissão:

Jornalista

Estado Civil:

Solteira

Escolaridade:

Graduação completa

Se considera nômade digital? Por que?

Em partes. Acredito que não estivesse em uma pandemia, seria mais fácil me considerar uma nômade digital por completo.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Trabalho apenas no Brasil e como MEI

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

A facilidade de conseguir resolver problemas a qualquer momento, pois, em tese, consigo ter maior controle do meu tempo de trabalho, por exemplo, adiantar algumas horas de trabalho para poder resolver algum problema pela tarde.

O que considera como a maior dificuldade?

Parece que preciso estar online toda hora. No presencial, parece que quando eu saio do lugar onde trabalho, o trabalho fica lá. Como nômade, sinto que o trabalho está comigo 24 horas por dia, 7 dias por semana. É mais difícil se desligar!

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Com certeza, não. Muita informação é perdida no meio do caminho mesmo que as conversas sejam por meio de vídeo chamadas. Como jornalista, acredito que o nosso trabalho melhora muito quando encontramos um amigo no caminho e compartilhamos as nossas ideias, as nossas pautas. No virtual, sinto que perdemos esses pequenos momentos que fazem total diferença. Bom, mas também não podemos ser ingênuas a ponto de acreditar que o presencial é a solução para todos os nossos problemas de comunicação.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Moro no Brasil

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Moro no Brasil

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Tenho intenção de estudar no exterior, fazer uma especialização por um tempo determinado.

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office? Home office

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

O acesso à internet no Brasil é facilitado para alguns. No meu caso, não tenho problemas.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Mãe – professora e pós-graduada

Pai – comerciante e ensino médio completo

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

Saí da casa dos meus pais aos 20 anos para fazer faculdade

Pretende voltar a estudar formalmente?

Sim. Pretendo fazer uma especialização

Prefere ensino remoto ou presencial?

Presencial

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

24 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Trabalhei presencialmente em uma rádio universitária (Rádio Unesp FM) e trabalhei também de forma remota no Movimento Empresa Júnior

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Atualmente, a empresa onde trabalho não possui uma sede fixa por ser uma organização que já nasceu em trabalho remoto. Além disso, em um outro emprego que estou atualmente, as atividades estão de forma remota por causa da pandemia.

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

4h por dia na Fiquem Sabendo e 8h no Estadão

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Além do trabalho remoto, eu tenho um *freelancer* fixo.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Computador e celular.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Sim, muito.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Consigo conciliar o trabalho com lazer muito pouco durante a semana.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Não tive a oportunidade ainda de experimentar escolher um trabalho de forma remota.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Voltaria. Pelo incrível que pareça, sinto que tenho maior controle do meu trabalho quando estou em um lugar fixo. Além disso, sinto que consigo me organizar melhor e ter mais momentos de lazer, por exemplo.

Entrevistado 8 – E8

Localização atual:

Porto Alegre, RS (Brasil)

Idade:

32 anos

Gênero:

Masculino

Profissão:

Advogado/Desenvolvedor de site de comunicação

Estado Civil:

Solteiro

Escolaridade:

Mestrado completo

Se considera nômade digital? Por que?

Ao menos parcialmente. Tenho liberdade para prestar serviços para qualquer lugar do país, conquanto, neste momento, esteja no Brasil.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios

Apenas Brasil.

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Possibilidade de trabalhar/viver em qualquer lugar.

O que considera como a maior dificuldade?

Estabelecer vínculos presenciais mais permanentes e estáveis

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Infelizmente, não. Muitos processos e dinâmicas interpessoais exigem a presença física simultânea das pessoas no mesmo espaço, pois nem toda comunicação é estritamente falada.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Moro no Brasil

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Moro no Brasil

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Permaneço próximo a meus familiares. Ainda não tenho.

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em *coworking* ou faz *home office*?

Atualmente, *home office*.

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Mesmo vivendo numa capital, tenho problemas com instabilidade de conexão.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Superior completo e doutorado. Médico e psicóloga.

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

18 anos. Estudos.

Pretende voltar a estudar formalmente?

Estudo formalmente neste momento.

Prefere ensino remoto ou presencial?

Presencial.

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

20 anos, como estagiário.

O que fazia antes do trabalho remoto?

Trabalhava presencialmente.

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Não foi uma decisão formal. A oportunidade se apresentou.

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

60 horas por semana.

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Tenho vários vínculos de trabalho. Todos remotos.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho? Computador/notebook e internet.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Ocasionalmente, sim.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive? Parcialmente.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Atualmente, homeoffice.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Sim, no mínimo parcialmente. Ter interações presenciais é bom para o bem-estar. Além disso, o trabalho em local fixo estabelece uma “desconexão” com o espaço de trabalho que é difícil de atingir no trabalho remoto.

Entrevistado 9 – E9

Localização atual:

Barcelona, Espanha

Idade:

34 anos

Gênero:

Feminino

Profissão:

Comunicadora social e Terapeuta

Estado Civil:

Solteira

Escolaridade:

Mestrado concluído

Se considera nômade digital? Por que?

Sim. Porque, mesmo mudando de país, continuo com meu trabalho de produtora de conteúdo para redes sociais.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Trabalho para todo o Brasil, na área de Comunicação (tenho uma pequena empresa aberta). Na Espanha, trabalho para uma cooperativa de terapeutas, além de trabalhar como *freelancer*

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

A liberdade de viajar pelo mundo e não deixar o trabalho de lado. Já passei longas temporadas em Londres, por exemplo, com a possibilidade de estudar outra língua e ainda disfrutar da cidade, além de seguir a trabalhar nos horários que eram convenientes para mim. Quando passei uma temporada na Índia acontecia o mesmo, a flexibilidade e a qualidade de vida são os pontos fortes de ser nômade digital.

O que considera como a maior dificuldade?

Os fusos horários são uma grande dificuldade. Conseguir adaptar-se a uma rotina diferente e estar atenta à diferença de horários entre os países, encontrar lugares adequados e tranquilos para poder realizar o trabalho são pontos mais complicados.

Além disso, é difícil conseguir não se distrair muito, é muito fácil perder o foco quando se está em contextos diferenciados.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Sim, considero.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Na Espanha há muita burocracia, assim como no Brasil. Por isso, aqui decidi entrar num projeto de cooperativa, para dividir custos e compartilhar também a parte burocrática. Para continuar com os serviços no Brasil, deixei minha empresa ativa.

A parte financeira do processo também é muito complicada. Os países não facilitam em nada os trâmites bancários, e inclusive, cobram muitos impostos. O mais complicado é o imposto de renda, independente do país.

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Eu tenho dupla nacionalidade, por causa da família, então nunca encontrei dificuldades em relação a vistos e documentações.

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Moro na Espanha

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Home Office

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Barcelona é uma cidade totalmente tecnológica, inclusive com internet gratuita nas ruas. Os planos residenciais também são ótimos, com internet rápida e fácil de instalar.

Em Londres e na Índia também não tive nenhum problema em acesso à internet. Os serviços são baratos e, com um chip de qualquer operadora no celular, é possível ter acesso ilimitado com boa velocidade e cobertura.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Ambos - Superior Completo, bancários

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

Sai aos 27 anos para vir morar trabalhar e estudar na Espanha

Pretende voltar a estudar formalmente?

Sigo estudando. Faço doutorado presencial no momento.

Prefere ensino remoto ou presencial?

Remoto

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

18 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Trabalhava no departamento de marketing de empresas de forma presencial.

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Pela decisão de mudar de país e para melhorar minha qualidade de vida

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

Em média 4 dias por semana de 4 a 6 horas por dia.

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Ainda não consigo. Tenho outras fontes de renda, como, por exemplo, um terreno alugado no Brasil.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Computador e celular.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Às vezes - principalmente se o lugar onde estou não tem privacidade ou se é um lugar que gosto muito. Tenho que me “forçar” a trabalhar. É preciso disciplina.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Sim, super bem.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Escolhi a Espanha por ter dupla nacionalidade (brasileira e espanhola).

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Não. Apenas em último caso, porque aprendi a ser livre. Sai do paradigma de trabalhar dentro de uma empresa com horários fechados e ambiente fechado. Não quero perder a liberdade conquistada.

Entrevistado 10 – E10

Localização atual:

Barcelona, Espanha

Idade:

34 anos

Gênero:

Feminino

Profissão:

Comunicadora social e Terapeuta

Estado Civil:

Solteira

Escolaridade:

Mestrado concluído

Se considera nômade digital? Por que?

Sim. Porque, mesmo mudando de país, continuo com meu trabalho de produtora de conteúdo para redes sociais.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Trabalho para todo o Brasil, na área de Comunicação (tenho uma pequena empresa aberta). Na Espanha, trabalho para uma cooperativa de terapeutas, além de trabalhar como *freelancer*

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

A liberdade de viajar pelo mundo e não deixar o trabalho de lado. Já passei longas temporadas em Londres, por exemplo, com a possibilidade de estudar outra língua e ainda disfrutar da cidade, além de seguir a trabalhar nos horários que eram convenientes para mim. Quando passei uma temporada na Índia acontecia o mesmo, a flexibilidade e a qualidade de vida são os pontos fortes de ser nômade digital.

O que considera como a maior dificuldade?

Os fusos horários são uma grande dificuldade. Conseguir adaptar-se a uma rotina diferente e estar atenta à diferença de horários entre os países, encontrar lugares adequados e tranquilos para poder realizar o trabalho são pontos mais complicados.

Além disso, é difícil conseguir não se distrair muito, é muito fácil perder o foco quando se está em contextos diferenciados.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Sim, considero.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Na Espanha há muita burocracia, assim como no Brasil. Por isso, aqui decidi entrar num projeto de cooperativa, para dividir custos e compartilhar também a parte burocrática. Para continuar com os serviços no Brasil, deixei minha empresa ativa.

A parte financeira do processo também é muito complicada. Os países não facilitam em nada os trâmites bancários, e inclusive, cobram muitos impostos. O mais complicado é o imposto de renda, independente do país.

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Eu tenho dupla nacionalidade, por causa da família, então nunca encontrei dificuldades em relação a vistos e documentações.

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Moro na Espanha

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Home Office

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Barcelona é uma cidade totalmente tecnológica, inclusive com internet gratuita nas ruas. Os planos residenciais também são ótimos, com internet rápida e fácil de instalar.

Em Londres e na Índia também não tive nenhum problema em acesso à internet. Os serviços são baratos e, com um chip de qualquer operadora no celular, é possível ter acesso ilimitado com boa velocidade e cobertura.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Ambos - Superior Completo, bancários

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

Sai aos 27 anos para vir morar trabalhar e estudar na Espanha

Pretende voltar a estudar formalmente?

Sigo estudando. Faço doutorado presencial no momento.

Prefere ensino remoto ou presencial?

Remoto

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

18 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Trabalhava no departamento de marketing de empresas de forma presencial.

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Pela decisão de mudar de país e para melhorar minha qualidade de vida

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

Em média 4 dias por semana de 4 a 6 horas por dia.

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Ainda não consigo. Tenho outras fontes de renda, como, por exemplo, um terreno alugado no Brasil.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Computador e celular.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Às vezes - principalmente se o lugar onde estou não tem privacidade ou se é um lugar que gosto muito. Tenho que me “forçar” a trabalhar. É preciso disciplina.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Sim, super bem.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Escolhi a Espanha por ter dupla nacionalidade (brasileira e espanhola).

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Não. Apenas em último caso, porque aprendi a ser livre. Sai do paradigma de trabalhar dentro de uma empresa com horários fechados e ambiente fechado. Não quero perder a liberdade conquistada.

Entrevistado 11 – E11

Localização atual:

Brasília, DF, Brasil

Idade:

50 anos.

Gênero:

Feminino.

Profissão:

Jornalista, RP e empresária da Comunicação

Estado Civil:

Casada

Escolaridade:

Mestrado concluído

Se considera nômade digital? Por que?

Parcialmente, porque preciso (e prefiro, em alguns casos) estar presente na sede da empresa em determinados momentos. Apesar da pandemia ter adiantado algumas questões, minha experiência com trabalho remoto é anterior. Trabalhei de 2009 a 2019 com uma empresa internacional que, entre os projetos, foi responsável pela divulgação do “Brasil no Exterior”.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Tenho clientes em todo o Brasil e já tive equipe distribuída não só pelo Brasil (São Paulo e Brasília), mas também nos EUA (Washington, Miami e Nova York) e na Itália.

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Sem dúvida, a possibilidade de me comunicar e resolver os problemas em localidades diferentes é uma grande facilidade. A evolução das ferramentas ajudou muito, também considero como um ponto positivo. O WhatsApp é recente, surgiu já no meio do caminho dessa minha trajetória. Desde o início, a grande facilidade era usar telefone com hub de teleconferência, assim como o e-mail. Outras ferramentas que apareceram na pandemia, como os aplicativos de reuniões por vídeo, popularizaram o estilo de vida, facilitando muito a forma de trabalhar.

O que considera como a maior dificuldade?

A falta da convivência pessoal com os colegas e clientes é um ponto negativo. A sinergia da convivência não tem como ser substituída. Com a internet, o processo todo acaba sendo muito impessoal, é preciso muito mais energia para entregar um bom trabalho e conseguir fazer com que a equipe mantenha o foco.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Cerca de 90% realmente é possível, mas não todos eles. É possível, mas talvez não seja desejável.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Moro no Brasil

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Moro no Brasil.

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Gostaria de sair do país sim, mas permaneço por questões familiares.

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Home office e empresa

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Apesar do acesso facilitado sempre tive várias dificuldades com a qualidade das tecnologias de comunicação no Brasil, desde a época em que fazíamos conferência por telefone, sempre tivemos dificuldades. Com a evolução melhorou, mas até hoje trava. Acho que precisa melhorar ainda mais.

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Mãe, Superior Completo, professora e pai, Ensino Médio Completo

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

23, por casamento

Pretende voltar a estudar formalmente?

Tenho vontade de fazer pós-graduação em neurociência

Prefere ensino remoto ou presencial?

Hoje, eu preferia ter os dois.

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

18 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Era jornalista de redação e, depois, trabalhei em uma assessoria de imprensa de forma presencial

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Tive que trabalhar dessa forma desde 2009, pois atendia pessoas de diversos países. Além disso, a pandemia impôs essa realidade de vez.

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

7 a 8 horas por dia.

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Sim, totalmente.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Computador, celular, ring light, internet de alta velocidade e suporte de celular.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Não.

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Às vezes, sim. Para trabalhar remotamente tem que ser bastante disciplinado

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Não escolho o local, a oportunidade que se apresenta.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

A pandemia me fez acordar ainda mais para o on-line, foi um grande empurrão. Tivemos que aprender as questões técnicas de uma hora para outra.

Mas não acredito que ficarei trabalhando somente on-line depois disso tudo. Acho que permanece a flexibilidade de ter as duas coisas: o trabalho híbrido, menos rígido. Considero mais fácil voltar a ser 100% presencial do que 100% digital, mas também não acredito que vá acontecer. O modelo híbrido, para mim, será a escolha mais viável.

Entrevistado 12 – E12

Localização atual:

Sorocaba, SP (Brasil)

Idade:

49 anos

Gênero:

Masculino

Profissão:

Publicitário e empresário

Estado Civil:

Solteiro

Escolaridade:

Pós-graduação

Se considera nômade digital? Por que?

Sim. Porque consigo trabalhar de qualquer localização. A pandemia acelerou isso, por fazer outras empresas (principalmente clientes) que é possível realizar toda a prestação de serviço de forma on-line e remota.

País ou países para os quais trabalha e tipo de vínculos empregatícios:

Tenho clientes nos EUA, Argentina e Chile, além do Brasil.

O que considera como a maior facilidade do nomadismo digital na sua vida?

Além de poder trabalhar de qualquer lugar, a maior facilidade para mim é a otimização do meu tempo. Não que eu trabalhe menos, mas agora trabalho melhor. Antes, quando trabalhava 100% presencialmente, eu fazia duas reuniões por dia no máximo. Hoje posso fazer até oito, nove reuniões de forma remota, onde quer que eu esteja.

O que considera como a maior dificuldade?

Não consigo me desconectar.

Você considera que é possível resolver todos os problemas de informação e comunicação remotamente?

Totalmente, não. Tivemos uma discussão interna esse mês na empresa. No caso de uma agência de publicidade, é importante a troca presencial. Uma campanha publicitária não sai de uma pessoa só e nós percebemos que o processo flui melhor quando há troca de ideias presencialmente. A própria conexão da equipe é diferente, tem que ter uma sinergia. Quando é totalmente remoto, acho que o processo fica prejudicado.

Para quem mora no exterior: No país em que trabalha há facilidades em relação a documentação e impostos para o seu tipo de trabalho ou é muito complicado?

Moro no Brasil

Para quem mora no exterior: sua documentação foi possível pelo seu tipo de trabalho ou foi por outro motivo?

Moro no Brasil

Para quem mora no Brasil: Por que o Brasil? Tem intenções de ir ao exterior?

Tenho planos para trabalhar no exterior, mas estou esperando um momento mais favorável.

Seu trabalho é mais centralizado na empresa, em coworking ou faz home office?

Híbrido.

O acesso à internet no país em que trabalha é facilitado? Tem alguma dificuldade em relação principalmente ao contrato de serviços ou internet remota?

Não tenho dificuldade nem no Brasil nem no exterior

Qual a escolaridade e profissão de seus pais?

Mãe, superior completo e professora. Pai, ensino médio completo, mecânico.

Com quantos anos e por qual motivo saiu da casa de seus pais?

30 anos, quando me estabilizei financeiramente

Pretende voltar a estudar formalmente?

Nunca paro de estudar. Mas, formalmente, não pretendo.

Prefere ensino remoto ou presencial?

Remoto

Com qual idade entrou no mercado de trabalho?

19 anos

O que fazia antes do trabalho remoto?

Trabalhava presencialmente na agência de publicidade e propaganda

Por que decidiu trabalhar remotamente?

Gosto de viajar e já trabalhava de forma híbrida. A pandemia acelerou o processo.

Quantas horas por dia ou por semana você trabalha atualmente?

De 11 a 12 horas por dia

Você consegue se manter financeiramente com o trabalho remoto ou tem outras fontes de renda?

Sim, mas também possuo outras fontes de renda. Sou empresário do ramo de entretenimento (tenho uma casa de show de dois bares) e tenho uma transportadora. Consigo fazer a gestão de todos eles remotamente.

Quais equipamentos você necessita para realizar seu trabalho?

Celular, notebook, fone de ouvido, internet de alta velocidade.

Sente dificuldade para manter o foco no trabalho?

Sinto muito. Tenho TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade).

Consegue conciliar o trabalho com o lazer e turismo no local onde vive?

Sim, muito.

Como você escolhe o lugar onde vai trabalhar remotamente?

Escolho o local que tenho interesse em conhecer. Tenho ido com mais frequência para a Europa, passar temporadas por lá. Sinto a troca de energia mais leve, o trabalho flui melhor.

Voltaria a ter um trabalho em um lugar fixo? Por que?

Não. Já conquistei uma liberdade. É uma evolução o que a gente está vivendo, não tem porque retroceder.